SESC

www.sesc.com.br/palcogiratorio

CATÁLOGO

palco giratório

15 ANOS

REDE SESC DE INTERCÂMBIO E DIFUSÃO DAS ARTES CÊNICAS

circuito 2012 nacional

artigo
Migrações e itinerâncias poéticas
Ilo Krugli

relato de experiência
Aldeia Cariri
Dane de Jade

SESC | Serviço Social do Comércio

palco giratório

SESC | Serviço Social do Comércio

Presidência do Conselho Nacional
Antonio Oliveira Santos

DEPARTAMENTO NACIONAL

Direção-Geral
Maron Emile Abi-Abib

Divisão Administrativa e Financeira
João Carlos Gomes Roldão

Divisão de Planejamento e Desenvolvimento
Álvaro de Melo Salmito

Divisão de Programas Sociais
Nivaldo da Costa Pereira

Consultoria da Direção-Geral
Juvenal Ferreira Fortes Filho

Produção Editorial

Assessoria de Divulgação e Promoção/DG
Gerência **Christiane Caetano**
Supervisão editorial **Jane Muniz**
Produção editorial **Márcia Capella**
Projeto gráfico **Ruth Lima**
Produção gráfica **Celso Clapp**
Editoração **Conceito Comunicação Integrada**
Revisão **Clarisse Cintra**
Fotos **divulgação e arquivo dos grupos**

©SESC Departamento Nacional
Av. Ayrton Senna, 5.555 – Jacarepaguá
– Rio de Janeiro/RJ – CEP: 22775-004
Telefone: (21) 2136-5555
www.sesc.com.br

Catálogo Palco Giratório, 2012: circuito nacional 2012. – Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 2012.
100 p.: il. ; 24 cm.

ISBN 978-85-89336-79-6

1. Palco Giratório – Catálogos. 2. Artes cênicas – Brasil. I. SESC. Departamento Nacional.

CDD 792.0981

COORDENAÇÃO GERAL DO PALCO GIRATÓRIO

Gerência de Cultura/DPS
Márcia Leite

Equipe de Artes Cênicas
Marcos Henrique Rego e **Raphael Vianna**
Raphael Janeiro (estagiário)

CURADORIA 2012
Álvaro Fernandes – DR/PB
Ana Isabel – DR/TO
Ana Paolilo – DR/BA
André Santana – DR/SE
Jane Schoninger – DR/RS
Augusto de Resende – DR/MG
Colette Dantas – DR/ES
Dane de Jade – DR/CE
Daniel Aguiar de Rezende – DR/RN
Débora Belotti – DR/PR
Ednea Barbosa – DR/GO
Fabiano Tertuliano – DR/RO
Flávia Leite – DR/MT
Francisco Araújo – DR/MS
Galiana Brasil – DR/PE
Genário Dunas – DR/AP
Isoneth Lopes Almeida – DR/MA
Ivaldo Gadelha – DR/DF
Josenira Fernandes – EESP
Marcos Rego – DN
Maria do Livramento – DR/PI
Maria Teresa Piccoli – DR/SC
Marques Alves – DR/AC
Neusa Rita – DR/AM
Raphael Vianna – DN
Sérgio Luis Oliveira – DR/SP
Thiago Sampaio – DR/AL
Vera Vieira – DR/RR
Viviane Soledade – ESEM

OBSERVADORES
Gisele Milagres – DR/MG
Jailsom Lima – DR/PE
Leonardo Augusto de Souza – DR/DF
Leonardo Corrêa Minervini – ESEM
Ramon Reverendo – DR/BA
Tahíba Melina Chaves – ESEM
Tatyane Ravedutti – DR/PR

Técnico responsável pela programação nos Departamentos Regionais do Pará, Ana Laura Cruz, no Rio de Janeiro, Christine Braga.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida sem autorização prévia por escrito do SESC Departamento Nacional, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Impresso em abril de 2012.

SESC | Serviço Social do Comércio

Departamento Nacional

Rio de Janeiro

Abril de 2012

CATÁLOGO

palco giratório

CIRCUITO NACIONAL 2012

Há mais de seis décadas o SESC trabalha para proporcionar aos trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo uma melhor qualidade de vida, por meio de uma atuação de excelência nas áreas de educação, saúde, cultura e lazer. São iniciativas exemplares, promovidas nacional e regionalmente, que traduzem a contribuição do empresariado ao desenvolvimento socioeducativo da nação.

Apoiar manifestações que contribuam para a criação artística e intelectual; estimular projetos de interesse público, especialmente os que circulam à margem do mercado; democratizar a cultura nacional promovendo o acesso aos bens culturais são objetivos cotidianos da entidade. E o Projeto Palco Giratório reflete bem esse compromisso e se consolida, a cada ano, como um registro histórico das artes cênicas em nosso país.

Conscientes de que a cultura brasileira é um importante pilar para a afirmação de nossa identidade, esperamos continuar contribuindo para atingir as mais diversas comunidades e difundir toda a riqueza cultural do nosso país.

Antonio Oliveira Santos
Presidente do Conselho Nacional do SESC

apresentação

Em sua 15ª edição, o projeto Palco Giratório se consolida como uma das mais bem-sucedidas iniciativas culturais do país, ao promover o acesso a espetáculos de qualidade a um público amplo e diversificado e divulgar o trabalho de profissionais provenientes de diversos estados brasileiros.

Espetáculos de teatro, dança e circo, das mais diferentes linhas de investigação, têm circulado pelas capitais e cidades do interior, formando plateias e levando cultura pelo país ao longo desses 15 anos de criação do projeto. Paralelamente, são realizadas mesas-redondas e palestras que exploram temas abordados pelos espetáculos, com participação de convidados e artistas locais em um rico intercâmbio de experiência.

O Palco Giratório, além de criar um vínculo do público com a arte ao discutir assuntos atuais para reflexão sobre a sociedade, também promove melhoria da qualidade de vida do trabalhador de comércio de bens, serviços e turismo e gera empregos para inúmeros profissionais que trabalham no circuito.

Esperamos que o Palco Giratório continue a aguçar cada vez mais a curiosidade de um público com expectativa e desejo de conhecimento, e que firme seu caminho na transformação do dia a dia das cidades por onde circula.

Maron Emile Abi-Abib
Diretor-Geral do Departamento Nacional do SESC

Ao completar 15 anos, o Palco Giratório continua se reinventando continuamente a cada nova edição, reiterando o compromisso do SESC em atuar como agente transformador no panorama nacional das políticas de difusão e intercâmbio das artes cênicas.

O aperfeiçoamento decorrente dos anos de operacionalização do projeto, com gestão compartilhada entre o Departamento Nacional e os Departamentos Regionais do SESC, vem permitindo a qualificação continuada desta ação, que agrega uma gama de expressões artísticas e manifestações culturais representativas de quatro regiões do país, no intuito de estabelecer um diálogo permanente entre os artistas e o público.

O sistema de curadoria nacional, adotado para seleção das propostas, configura um elemento primordial no desenvolvimento de uma política de descentralização. Nesse sentido, a partir do recorte feito por especialistas e gestores culturais presentes nos estados e atentos à diversidade dos trabalhos de sua região, o Palco Giratório propõe uma visão panorâmica da produção nacional nas artes cênicas, buscando oferecer à sua clientela bens e serviços produzidos para além dos eixos dominantes da economia cultural.

Na edição 2012, todos os estados brasileiros constituem nossa territorialidade, contando com 16 companhias de teatro e dança circulando por 122 cidades. Além dos circuitos, que terão ao todo 701 apresentações, estão programadas 54 mostras de Arte e Cultura (Aldeias) e 9 Festivais Palco Giratório, que aglutinam em um período de 30 dias todos os espetáculos e grupos que participam da circulação nacional.

Tais características fazem do Palco Giratório uma ação de grande relevância no âmbito da Arte e da Cultura no país, operando de forma significativa no processo de desenvolvimento do pensamento crítico e educação dos sentidos dos espectadores, a partir da oferta e do acesso a ações integradas que englobam não só as apresentações artísticas, mas também oficinas, intervenções urbanas, intercâmbios, pensamentos giratórios, debates e palestras destinadas a estimular e decodificar os diversos processos criativos.

Acreditamos que esta 15º edição celebra a importância e abrangência da iniciativa, mantendo o compromisso do SESC no fomento à cultura, contribuindo para o aprimoramento e o desenvolvimento das artes cênicas no Brasil.

Curadoria do Palco Giratório

artigo, 10
Migrações e itinerâncias poéticas
Ilo Krugli

relato de experiência, 20
Aldeia Cariri
Dane de Jade

bate-papo, 24
Paulo de Moraes – Armazém Companhia de Teatro

grupos, 26

Cia. Mário Nascimento – Minas Gerais
Brava Companhia – São Paulo
Cia. Mútua – Santa Catarina
Companhia Brasileira de Teatro – Paraná
Grupo Grial de Dança – Pernambuco
Cia. Plágio de Teatro – Distrito Federal
Teatro Torto – Rio Grande do Sul
Pequena Companhia de Teatro – Maranhão
JLM Produções Artísticas – Rio de Janeiro
Cia. DRUW – São Paulo
Cia. Teatro Mosaico – Mato Grosso
Hiperativa Comunicação e Cultura – Bahia
Trupe Ensaia Aqui e Acolá – Pernambuco
Pausa Companhia de Teatro – Paraná
Cia. dos Bondrés – Rio de Janeiro
Laso Cia. de Dança – Rio de Janeiro

expressões em artes cênicas, 72

atividades paralelas, 78

grupos e espetáculos que passaram pelo palco, 80

Migrações e itinerâncias poéticas

ILO KRUGLI
Diretor teatral, ator, artesão de cerâmica, compositor, especialista em bonecos, em Lorca e na educação através da arte, artista plástico, brincante de cultura popular e erudita; criador do Teatro Ventoforte

Fotos: acervo Teatro Ventoforte

Uma data celebratória: 15 anos do projeto Palco Giratório. Para ser festejada com felizes memórias e reflexões enriquecedoras pelos seus formuladores. E muito mais, sem dúvida, pelos diversos artistas e também criadores das equipes de grupos teatrais; e muito plenamente, com certeza, pelos públicos participantes desses excepcionais e transcendentes encontros teatrais.

O Teatro Ventoforte se inclui nessas evocações e festejos de várias formas. Somando experiências que contribuíram também na continuidade da nossa própria história (38 anos de existência em 2012). A própria sobrevivência, caminhadas que atravessaram estradas e fronteiras *de Tempos e Ventos* desde os anos 1960 pela América Latina, arribando e determinando nossas *naturalizações definitivas no Brasil*; e nos anos 1970 surgíamos com o Teatro Ventoforte, um projeto cultural, artístico e cênico, em que desdobramos as vivências, pesquisas diversas de teatro e educação através da arte, arte popular, somado ainda uma atitude de luta e contribuição pela "liberdade de expressão".

Tudo isso está centrado numa produção dirigida aos públicos infantojuvenis e, naturalmente, somando outras plateias integradas nas periferias das cidades em crescimento. Com as crianças que também cresciam e que não vão sozinhas ao teatro.

Foi nessas plateias que ampliamos e criamos uma poética teatral popular, vinda das nossas migrações, acontecendo perto e dentro de sotaques e línguas diversas. Apresentações com a presença de censores (da Justiça Federal), além de uma produção independente que, sem grandes apoios (eventualmente algumas instituições como o SESC) conseguimos abrir horizontes e futuros.

"(...) nos anos 1970 e 1980 fomos uma linguagem libertária."

A essas aventuras sempre se somavam encontros e resultados gratificantes; nos anos 1970 e 1980 fomos uma linguagem libertária, que não estava apenas nas temáticas e os textos, mas à procura de uma forma teatral que desenvolvia experiências contemporâneas e também de identidades; com mais temáticas ao "Sur do Equador". No centro da diversidade cultural do nosso povo. Sem esquecer de uma visão do desenvolvimento dos seres desde a infância e a adolescência; as sensibilidades livres na experimentação do imaginário e os brinquedos espontâneos, renovando os espaços de expressão e formação na criação teatral.

Em 1974, a crítica e escritora Ana Maria Machado, no *Jornal do Brasil*, anunciava no título: "Ventos fortes são águas divisórias no teatro para crianças no Brasil"... Essa citação não era uma referência só a nossa *Histórias de Lenços e Ventos*, a matéria de duas páginas referia-se a outros grupos que, assim como nós, recriavam uma nova linguagem para o teatro infantojuvenil no país.

O movimento deu frutos. No Palco Giratório de 2008 (40 cidades pelo país), em vários lugares encontramos "grupos e artistas" que estavam "brincando" e realizando *Lenços e Ventos* e vários outros textos nossos, mas com uma busca de linguagens que se abriam a propiciar suas próprias experimentações.

Em diferentes itinerâncias e realidades surgiram espetáculos não apenas para crianças serem levadas ao teatro por uma babá paciente, uma avó carinhosa ou uma professora disciplinando as turmas. Muito mais que isso, havia teatro e eventos culturais cênicos em instituições, comunidades periféricas diversas. Nesses espaços se reuniam os filhos com os adultos e amigos, classes sociais e grupos que, não sendo privilegiados, achavam uma arte com rituais coletivos nos quintais, nas ruas e outros espaços abertos. Ou até mesmo em teatros convencionais, desconstruindo estereótipos, fazendo desabar espetacularmente a quarta parede tão questionada pelo teatro renovador do século passado.

O palco distanciado, que não permitia uma comunicação mais próxima, abrindo-se a olhares e até para que os participantes fossem tocados ou soprados por uns e outros.

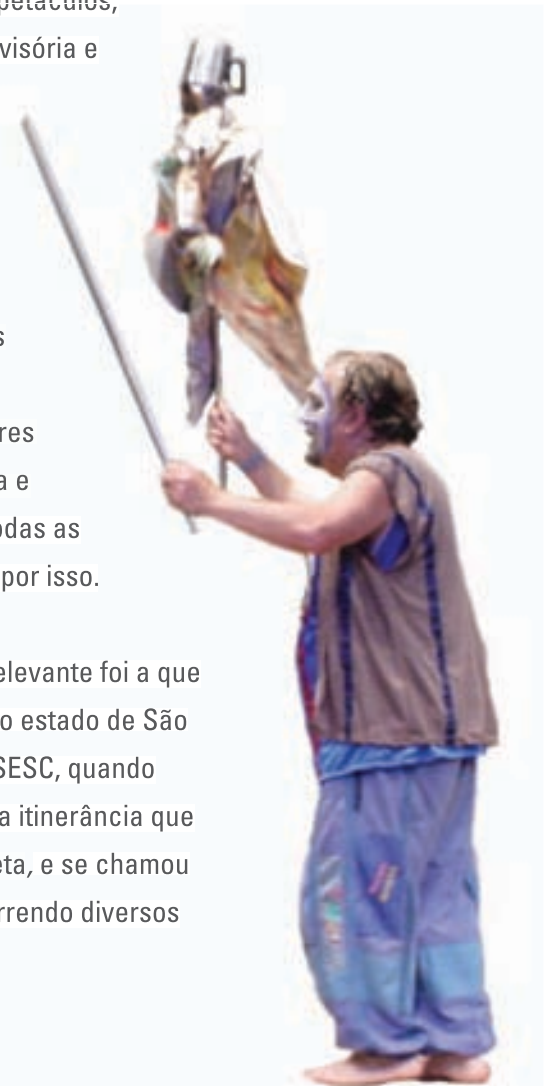
Assim nos aproximamos do teatro, dos caminhos propostos pelo grande Federico Garcia Lorca. Na década de 1930, ele convidava a acabar com a divisão entre palco e plateia, em que eram colocados conceitos críticos competitivos da elite e até puramente comerciais, que expulsavam a grande arte poética dos criadores com seus sonhos de renovação e transformação humanista.

Acompanhado de jovens atores e estudantes, o poeta espanhol e universal com seu teatro A Barraca somava velhos cantadores populares, músicas e o teatro de títeres, marionetes e alguns folguedos e danças coletivas nos lugarejos e povoados. Tudo isso trazendo uma grande e antiga literatura dramatúrgica, criativa, que vinha de longe, de uma tradição oral anterior a Gutemberg que deixaria as marcas impressas na alma e na memória do público de todas as idades.

Assim, temos que lembrar a nossa participação em uma das principais rodadas do Palco Giratório. No começo foi no estado de Santa Catarina, percorrendo 15 cidades com uma equipe que a cada dois dias levantava um palco e uma plateia do nada.

O palco distanciado, que não permitia uma comunicação mais próxima, abrindo-se a olhares e até para que os participantes fossem tocados ou soprados por uns e outros.

Em meio a esses espetáculos, transgredíamos a divisória e misturávamos atores e públicos em um grande parto em que, no final do *Mistério das nove luas*, todos renasciam de uma Grande Mãe: os atores que morrem na peça e todo o público, de todas as idades, que decidia por isso.



Outra experiência relevante foi a que aconteceu em todo o estado de São Paulo, por meio do SESC, quando participamos de uma itinerância que homenageava o poeta, e se chamou *Lorca na rua*, percorrendo diversos

> *Sim, somos "brincantes" do teatro popular e do teatro essencial.*

espaços abertos: parques e ruas pelos extensos caminhos de São Paulo.

E por fim em 2009, as caminhadas, itinerâncias por terra, asfalto e ar de 40 cidades de Norte a Sul, Centro-Oeste e Leste do país já citadas, que em suas migrações e etapas afiaram sensibilidades, trocas e maturações inesquecíveis.

Depoimentos: flores preciosas que renascem e as parcerias, eternas?

De todas essas memórias é importante recolher identidades e as verdadeiras parcerias nos diálogos com jovens atores e alguns nem tão jovens, em uma poética cultural, aberta, inteligente que areja sua

história distanciando-se da outra produção puramente de consumo...

Em nossas itinerâncias giratórias abriram-se espetáculos acontecendo em calçadões, ruas interditadas, para aproximar a utopia até onde o fluxo do trânsito será ocupado pelas emoções tragicômicas, sensíveis e atemporais das invenções teatrais poéticas, seduzindo para que algum dia "ser ou não ser" (seremos) o herói imaginário do sonho e do desejo, podendo ser encarnado com jogos, brinquedos reinventados, sem medo, sem repressões que sinalizem moralidades e condicionamentos sociais. Que repetem: Vocês não são mais crianças! Estão brincando de novo?

Sim, somos "brincantes" do teatro popular e do teatro essencial; que se renova no movimento da espontaneidade onde choramos ou rimos com qualquer idade.

De todas essas experiências podemos recolher falas e considerações... dignas de deixar de ser anônimas...

Sempre nos espetáculos, nos quais a criança possui, na sua liberdade de interagir com a realidade, uma licença eterna para indagar e perguntar ao outro. Ai colhemos algumas pérolas que fazem parte de nosso trabalho, que nos levaram a dramaturgias, a títulos de peças e até mesmo ao nome de nosso grupo. Depoimentos apontam caminhos:

Uma criança vai se aproximando até a cena e pergunta: "Isso é de verdade?"

Outra menina, de cinco anos, em um parque, se aproxima do ator que abandonou a cena e não quer continuar na história. Porque na trama ele estava ancorado, e se voltar ao palco voltará a ficar preso. E a menina pergunta ao ator desertor: "Pode-se mudar uma história?"

Ator: "Claro que pode. Não quero ficar preso!..

Menina: "Mas é de verdade?"
Ator (tenta ser sincero. É a primeira vez que lhe fazem esta pergunta): "É, no começo, se não é muito verdadeiro, cada vez será mais de verdade..."

Outra menina discute com os soldados que estão perseguindo os poetas em uma de nossas peças que, em determinado momento, todos podem se aliar aos que prendem (os soldados que perseguem artistas) ou aos poetas (os que são fuzilados). E com uma lógica

ingênua e ao mesmo tempo corajosa, a criança de oito anos diz aos soldados: "Vocês não podem matar todos os poetas! Porque não podem matar os poetas que ainda não nasceram."

Outra criança (que emoção! Que exigência!): "Quando vocês riem ou choram, é de verdade?"

Uma mulher chorando: "Esta é a história da minha vida!" Nesse espetáculo colocamos quatro grandes painéis pintados com figuras diversas com o rosto e as mãos recortados, de modo que tanto atores como público podiam ficar atrás dos painéis assumindo esses personagens. E assumindo também seus desejos! Que atores e público ajudam primeiro a adivinhar e depois a realizá-los, durante a peça.

Outra mulher (com uma sacola de supermercado, que estava na rua fazendo compras e se juntou ao público): " Eu nunca fui ao teatro... é a primeira vez. Eu gostei, parecem histórias antigas as que vocês contam... Eu acho que esta noite vou sonhar...".

No estreito vão em que acaba o palco e começam as pessoas; lá está a poesia

Na nossa caminhada, as vias, os parques, os galpões, os teatros de arena ou as salas tradicionais foram acrescentando e revitalizando um teatro espontâneo, sem o formalismo da quarta parede, e também afastando as produções excessivamente decorativas (principalmente para o público jovem e popular), produções que recriam o teatro do faz de conta montadas em clichês e estereótipos, que muitas vezes se afastam daquela procura de todos os seres da possibilidade de experimentar e vivenciar conteúdos mais profundos e existenciais.

Essas experiências sem dúvida nos colocam frente à necessidade de projetos mais presentes dessa arte tão antiga e tão essencial.

Eventos com o Palco Giratório resgatam na própria sensibilidade do acontecimento uma cultura corporal e artesanal, que acontece e alimenta tanto os desejos quanto as carências da realidade e dos sonhos que se

comunicam com sensibilidades mais profundas e inconscientes.

O desafio que essa linguagem tem pela frente é preservar-se e abrir novas trilhas que a multipliquem. E também estabelecer parcerias através de um projeto nacional, em que organismos públicos estejam empenhados e atentos às capacidades espontâneas, autodidatas, das diversidades das populações, preservando a continuidade e vitalidade. Além das manipulações do consumo.

A cantiga popular disse assim, e ainda nos inspiramos e desenvolvemos com mais um verso:
Tá caindo flor
Tá caindo flor
(bis)
Olha no céu
Olha na terra
O lê lê está caindo flor
Minha mãe me disse assim
Minha mãe me disse assim... im
Só sabe como começa...
Não sabe como é o fim... im
Está caindo flor
Está caindo flor...
Olha no céu...

Teatro para crianças: ainda dois passos pra frente e um pra trás

Realmente não pensamos no fim... arriscamos até os recuos e sucessos. Propiciamos o presente quando evocamos nossa história. Aí também estamos lembrando e integrando os esforços de vários grupos de criadores, com os quais trocamos experiências e compartilhamos inquietações.

A solidariedade nas dificuldades e carências de sobrevivências e continuidades, que sem dúvida estão presentes em nossas manifestações, fazem parte de definições para um projeto cultural mais desenvolvido e democrático.

Isso necessita sempre de mais recursos econômicos, mas também da generosa ocupação de espaços públicos, que vão desde os quintais periféricos, atravessando cruzamentos e fronteiras, até as escadarias do poder.

Os depoimentos das crianças que evocamos vêm nos alertar para os conteúdos culturais de liberdade e poesia que continuam confusos e repressivos. Será que a criança, a raiz das árvores e da vida, está incluída neles?

E é verdade? Como saber? Como sentir? Nós rejeitamos e nunca utilizamos a palavra "inclusão", porque a arte é a expressão de todos e tem que se mostrar nas duas caras da moeda... os que perdem e os que ganham.

E nas nossas temáticas dramáticas com sorrisos ou lágrimas aparecem os conflitos, a procura de direitos e desejos, e felicidades.

É importante realizar um teatro sem "eufemismos", sem ternuras indulgentes conclusões conceituais como "foram felizes para sempre".

O direito às vitalidades inatas do ser – brincar, criar, imaginar – mas usufruindo da participação nos rituais festivos e poéticos do teatro.

Uma criança pergunta: "Isso é de verdade?" A falta de projetos corajosos faz com que os meios de comunicação – que imobilizam os seres todos em cadeiras –, e as alegorias publicitárias e *on line*, nos afastem de dançar, cantar, imaginar, inventar e dar formas ao brinquedo e à amizade.

Em uma de nossas peças, o jovem rei mago caminha rumo à revolução de seus sentimentos e de sua vida. Como seu pai lhe ensinou ele avança cantando:
Dois passos pra frente, e um pra trás,
Dois passos pra frente, só um pra trás
Foi meu pai que me ensinou...
Tudo certo ou tudo errado...
Se foi ou não foi...
Foi no século passado.

De Chico Lenhador, que sai de casa para enfrentar os monstros e delícias do século XXI.

Chico ainda nem sabia que o mundo era redondo; que países tão distantes têm sempre nomes tão raros.
Argento, Argentina,
Uru-uruguai, Para-paraguai,
Colômbia, Bolívia, Venezuela e Brasil...

Ame!
Rica!
La Tina!

por
DANE
DE JADE

Aldeia Cariri

O território Cariri é um lugar que nos sugere características híbridas, inseridas no que podemos chamar de pares dicotômicos arcaico/moderno, urbano/rural.

Ao mesmo tempo, ele parece esboçar os contornos de um território pulsante, local de encontro de várias culturas, em constante diálogo e permanente transformação.

É nesse contexto que acontece a Mostra SESC Cariri de Culturas, uma ação promovida pelo SESC, que há 13 anos irriga a região com o que há de mais instigante na produção artístico-cultural, nacional e internacional.

Entre os impactos significativos possivelmente gerados pelo conjunto dessas ações, podemos destacar aqueles que resultam dos processos de transterritorialização: os fluxos que deslocam os diversos territórios em convergência para o Cariri, bem como o movimento que, em perspectiva multivetorial, desloca o Cariri para territórios outros.

Quando os sujeitos saem de um lugar para outro, levam na sua bagagem um repertório de experiências vivenciadas, tanto do ponto de vista estético quanto conceitual, estabelecendo-se assim um espaço de trocas, intercâmbios, processos dialogais, reconstruções e reelaborações sensoriais e ampliação da esfera de presença do ser.

É nesse sentido que surge a Aldeia Cariri, um ponto de conexão entre a Mostra SESC Cariri de Culturas e a Rede SESC de Difusão e Intercâmbio das Artes Cênicas – Palco Giratório.

A Aldeia Cariri é o piloto de uma proposta de criação e fortalecimento de feiras ou mercados de trocas simbólicas, envolvendo os membros de uma comunidade em rituais que conferem significado à vida. As práticas e atividades culturais ofertadas nessa

arena possibilitam o acesso à informação necessária para o fortalecimento do patrimônio cultural comunitário.

A partir desse ponto de conexão, a Mostra passa a integrar, de maneira sistemática, as ações do Palco Giratório, configurando-se como Território de Pouso a primeira Mostra de Culturas a ser visitada pelo circuito denominado Território Flutuante, servindo como campo de estágio para artistas, produtores e programadores culturais de todo o Brasil.

A ideia do Palco Giratório de fortalecer os espaços de produção e difusão cultural em cada "local", por todas as regiões do país, encontra na Aldeia Cariri o território ideal, onde trocas efetivas são estabelecidas a partir do encontro entre as culturas, entre as formas do fazer artístico de cada uma delas, pelo compartilhamento das ideias, dos saberes e fazeres e das estéticas pela ação da fruição. Assim, a conexão não é apenas momentânea; ela se amplia, impulsionando o processo criativo dos participantes, fomentando a produção artístico-cultural local, multiplicando os pontos de conexão dessa grande rede de difusão e intercâmbios.

Os Territórios Flutuantes levam sua vasta bagagem de experiências culturais, que são trocadas por experiências locais como uma espécie de escambo cultural. O conceito de território aqui utilizado refere-se muito mais ao espaço que determina a identidade cultural do que a uma área física específica. Nesse sentido, quando falo em transterritorialização, refiro-me ao deslocamento das identidades culturais no fluxo criado pela Mostra, que levam os diversos territórios em convergência para o Cariri e o Cariri para outros territórios, promovendo uma rede flutuante que não se encerra com a Mostra, mas que gera um movimento contínuo a partir dos diálogos estabelecidos.

Desses diálogos poderá resultar um processo de fortalecimento do local

A ideia do Palco Giratório de fortalecer os espaços de produção e difusão cultural em cada "local", por todas as regiões do país, encontra na Aldeia Cariri o território ideal.

como "lugar" autônomo de produção e difusão de bens culturais; um ponto de conexão entre as linhas de uma rede que se tece mundo afora.

A construção dessa rede é a nossa contribuição, no sentido de transformarmos a humanidade, de consolidarmos relações duradouras, que ultrapassam os limites geográficos e promovem um fluxo de culturas, de flutuações territoriais, de deslocamentos.

A Aldeia Cariri hoje parece ser um espaço propício à construção e consolidação do conhecimento, à formação de seres humanos livres, críticos, reflexivos, sujeitos da sua própria história, do seu próprio tempo.

Tudo isso se construiu a partir de relações de afetividade: do produtor ao ator, do técnico ao diretor, do palhaço ao escritor, do palco ao balançador...

Sem a consciência da necessidade da construção dessas relações, não estaríamos fortalecendo o sentido de Aldeia.

"É o que nos move, que nos impulsiona..."

Fotos: acervo Armazém Companhia de Teatro

PAULO DE MORAES

Diretor – Armazém Companhia de Teatro

De que maneira o projeto Palco Giratório contribuiu para a trajetória e consolidação do Armazém Companhia de Teatro no cenário das artes cênicas no Brasil?
Quando participamos do Palco Giratório, a companhia tinha acabado de mudar de Londrina para o Rio de Janeiro. Vivíamos um momento de transição, ainda não estávamos acostumados a fazer grandes turnês pelo país. O Palco Giratório levou nosso trabalho a diversas regiões do país – ainda não visitadas pelo grupo – e possibilitou uma troca muito interessante com esses lugares.

Como vocês percebem a abrangência e a importância do projeto Palco Giratório no âmbito da difusão e intercâmbio das artes cênicas na atualidade?
É um projeto da maior importância, pois proporciona um contato constante com a diversidade e a pesquisa. Para as cidades que recebem os espetáculos é um presente e para os espetáculos que viajam é um mergulho nesse país imenso e de tantas contradições. A abrangência do Palco Giratório faz dele um projeto de circulação de rara importância.

Que impressões e experiências foram marcantes para o grupo durante o período de circulação nacional pelo projeto?
Na nossa participação fomos ao Sul do país, ao Centro-Oeste, ao Nordeste, ao Norte. Foi uma experiência riquíssima do ponto de vista humano e uma abertura de percepção muito clara de que o teatro vale a pena realmente quando a gente consegue estabelecer uma comunicação efetiva com as pessoas mais diferentes. Um aprendizado.

grupos

ESCAPADA

cia. mário nascimento

Gênero: dança
Classificação etária: livre
Duração: 60 minutos

MINAS GERAIS

Fotos: Ed Felix

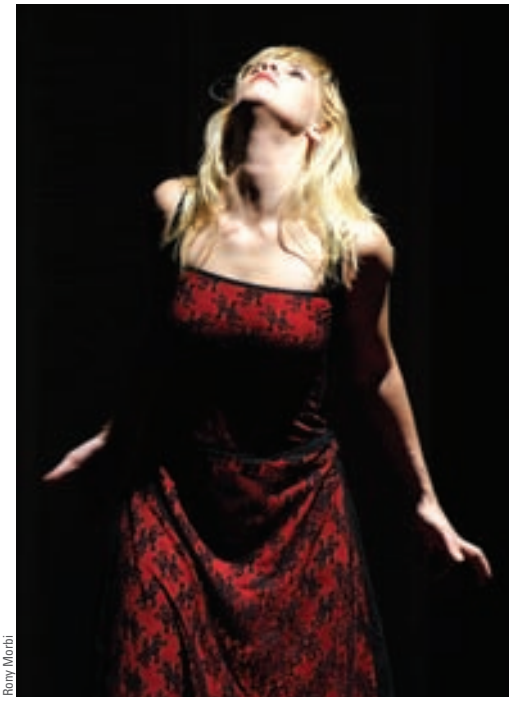
Sinopse

Escapada é a fuga do homem das grandes metrópoles, das massas humanas. É o homem psicológica e fisicamente sufocado, sem saída, a procura de outro lugar, fugindo de si mesmo e de seus fantasmas, da opressão tecnológica do mundo moderno, da falta de tempo. *Escapada* é o carona que não sabe para onde vai. É a visão e a perspectiva de personagens que se apresentam constantemente em fuga. Utilizando as possibilidades de um elenco que trabalha junto há três anos, a Cia. leva para cena dança, música e teatro, além de momentos de pura improvisação. *Escapada* leva o público a refletir sobre sua própria história e experiência de vida. Você escapa de quê?

Concepção e direção **Mário Nascimento** / textos **Rosa Antuña** / elenco **André Rosa**, **Brenda Melo**, **Eliatrice Gichewsky**, **Léo Garcia**, **Rafael Bittar** e **Rosa Antuña** / coreografia **Mário Nascimento e elenco** / assistente de direção e coreografia **Rosa Antuña** / cenotécnica **Marcio Pereira** e **Ademir Pereira** / figurino **Mário Nascimento** / trilha sonora **Fábio Cardia** / iluminação **Cia. MN** / operador de luz **Ricardo Cavalcanti** / preparação teatral e vocal **Rosa Antuña** / produção **Luciana Lanza** (Fulôres Produções)

Trajetória

Criada em São Paulo, em 1998, pelo coreógrafo Mário Nascimento e o compositor Fábio Cardia, a Cia. Mário Nascimento tem sua pesquisa de linguagem sustentada pelas conexões entre música e dança, em um trabalho permeado pelo universo da dança contemporânea, dança de rua, teatro físico, artes marciais, poesia e voz como recurso cênico sonoro. Seu primeiro trabalho, *Escapada*, deu a Nascimento o prêmio APCA – 1998 de melhor coreógrafo. Em turnê pela Alemanha, o grupo apresentou-se em Hamburgo no Teatro B 12, na Bienal de Essen e em Colônia, no Teatro Zeigen Tanztheater, obtendo críticas favoráveis. Em 2000, encenou em diversas capitais do país *Trovador*, com Kiko Ribeiro, bailarino e percussionista, e o músico Renato Gimenes. Em 2002, a companhia mudou-se para Belo Horizonte, com apoio da Fundação Clóvis Salgado (Palácio das Artes). Em 2004, com o prêmio Rumos Dança Itaú Cultural, o grupo criou *Escambo,* com trilha sonora de Fábio Cardia, e estreou no Teatro Itaú Cultural. *Escambo* rendeu o 1° Prêmio Usiminas/SIMPARC 2004, os prêmios de melhor coreógrafo a Nascimento, melhor bailarina a Rosa Antuña e bailarinos revelação a Cristiano Bacelar e Thaís França. Em 2005, a Cia. criou *Do ritmo ao caos*, que recebeu o Prêmio Usiminas/SIMPARC 2005 para Aretha Maciel como melhor bailarina. Em 2007, estreou o espetáculo *O rebento* no SESC Santana, SP, com o apoio do Prêmio Funarte de Dança Klauss Vianna, em 2007. Com patrocínio da Petrobras, em 2008 criou *Faladores*, com direção e coreografia de Mário Nascimento, trilha sonora de Fábio Cardia e assistência de direção e de coreografia de Rosa Antuña. A Cia. iniciou uma turnê com mais de 60 apresentações pelo Brasil e recebeu importantes prêmios por esse trabalho.



Rony Morbi

Repertório

Mulher selvagem – onde está o feminino criativo?

Gênero: dança-teatro
Classificação etária: 14 anos
Duração: 50 minutos

Sinopse

Conversa e reflexão sobre a importância de manter vivo o feminino criativo dentro de cada um, quais aspectos da vida podem interferir na fluidez da energia feminina e o que fazer para manter-se em equilíbrio nos dias de hoje.

Direção artística **Rosa Antuña** / criação, coreografia, textos e interpretação **Rosa Antuña** / cenário **Mário Nascimento** e **Rosa Antuña** / figurino **Rosa Antuña** / trilha sonora **Rosa Antuña** / iluminação **Mário Nascimento** e **Alberto Alvin Junior** / operador de luz **Ricardo Cavalcanti** / Preparadora vocal **Bárbara Penido** / edição de áudio **Eduardo Borges** / fotografia **Jorge Etecheber**, **Guto Muniz** e **Rony Morbi** / produção **Cia. MN**

Repertório

Faladores

Gênero: dança
Classificação etária: livre
Duração: 55 minutos

Sinopse

Em cena, seis artistas influenciados pela dança, música e teatro, buscam dialogar entre si e com o público, utilizando a arte como seu meio de comunicação. *Faladores* aborda o tema da oralidade, trazendo para a cena diversas formas de comunicação através do som, da música, da palavra, da poesia, da dança, da ação e do movimento. Trata da necessidade do homem se expressar e, apesar das barreiras, fazer-se entender. Procura mostrar que o principal objetivo da arte é a comunicação. A peça é movimento, gesto, palavra e ritual. A oralidade como *performance* e a *performance* como definição de comunicação, dando ênfase à natureza da linguagem oral e gestual. O gesto e a palavra como sensações humanas e forma eficaz de comunicação poética e dramática.

Direção e coreografia **Mário Nascimento** / criação e direção musical **Fábio Cardia** / elenco **André Rosa**, **Aretha Maciel**, **Brenda Melo**, **Léo Garcia**, **Rafael Bittar** e **Rosa Antuña** / assistente de direção e coreografia **Rosa Antuña** / professora de canto **Bárbara Penido** / preparação teatral e vocal **Rosa Antuña**

Ed Felix

Oficina de dança contemporânea

Repertório e processo de trabalho da Cia. Mário Nascimento. Reflexão sobre a compreensão das pessoas sobre dança contemporânea, seu significado, o que se espera dela e o que se sabe dela.
A oficina propõe a aplicação do código de movimento do grupo como a preparação corporal inicial aos participantes. A partir dessa vivência, serão propostos o exercício de partituras já construídas e a incorporação de comandos direcionados ao desenvolvimento de construções físicas mais instantâneas.
Público-alvo: bailarinos que tenham prática em técnicas de dança contemporânea
Carga horária: 2 horas e 30 minutos
Ministrantes: André Rosa e Aretha Maciel
Número máximo de participantes: 20

Danças populares brasileiras

O Brasil é um país que se caracteriza pela heterogeneidade de seu povo. Sua cultura é constituída pela miscigenação das influências de diversas etnias, principalmente a africana, portuguesa e indígena. Desse processo resulta, portanto, diferentes ritmos e danças, que vão do Sul ao boi-bumbá no Norte.
A oficina de Danças Populares Brasileiras tem como objetivo oferecer a crianças e jovens em processo de formação fundamental o despertar de uma consciência artística sobre a riqueza cultural de seu povo. Embasado as danças, músicas e festas populares, proporciona uma visita lúdica às cinco regiões do país e suas manifestações folclóricas.
Público-alvo: crianças e jovens
Carga horária: 2 horas e 30 minutos
Ministrante: Rafael Bittar
Número máximo de participantes: 20

Dança contemporânea e improvisação – nível avançado

Oficina para bailarinos que queiram aperfeiçoamento em dança contemporânea. O enfoque utilizado por Rosa Antuña é a qualidade de movimento, acabamento e precisão técnica, que serão utilizados como elementos para uma improvisação em dança com qualidade e refinamento.
Público-alvo: bailarinos
Carga horária: 2 horas
Ministrante: Rosa Antuña
Número máximo de participantes: 20

Pensamento Giratório

A Cia. Mário Nascimento propõe palestras e mesas-redondas com temas bem objetivos de acordo com o espetáculo apresentado e o perfil do público envolvido. A oportunidade dada pelo Pensamento Giratório é de relevante importância para a reflexão sensível sobre a arte como veículo de crescimento humano. Trazemos temas que possibilitam a familiarização do público com a linguagem da dança contemporânea, tornando-a mais palpável e compreensível. Com mais de vinte anos de carreira, Mário Nascimento compartilhará suas principais experiências de vida e da arte, apontando as etapas do caminho percorrido que contribuíram para sua carreira hoje.

Arte integrada

Há cinco anos, Rosa Antuña vem desenvolvendo esse trabalho com a Cia. Mário Nascimento e também com outros grupos. A proposta é a fusão das linguagens da dança, teatro e voz. Utiliza-se a técnica básica em dança contemporânea, jogos teatrais de improvisação e exercícios vocais.
Público-alvo: bailarinos que tenham prática em técnicas de dança contemporânea
Carga horária: 3 horas
Ministrante: Rosa Antuña
Número máximo de participantes: 20

Dança da alma

Trabalho desenvolvido há dez anos por Rosa Antuña, que propõe a conexão mais íntima com cada ser. Através de exercícios de visualização criativa, meditação com frequências de luz e harmonização dos chacras, cada pessoa vai descobrindo o caminho que a dança percorre em seu próprio corpo. São utilizados cristais, incensos e tarô.
Público-alvo: qualquer pessoa que busque o autoconhecimento
Carga horária: 2 horas
Ministrante: Rosa Antuña com a assistência de Brenda Melo
Número máximo de participantes: 20

Ver neste catálogo: Expressões em Artes Cênicas

ESTE LADO PARA CIMA

brava companhia

Gênero: teatro épico
Classificação etária: a partir de 16 anos
Duração: 1h20 minutos

SÃO PAULO

Fotos: Neander Heringer

Sinopse

Este lado para cima, que tem o subtítulo: *isto não é um espetáculo*, é a montagem mais recente da Brava Companhia, resultado de uma pesquisa que teve como mote inicial o questionamento sobre o "mundo de imagens e de aparências", no qual a sociedade se encontra imersa, atordoada pela excessiva espetacularização da vida que, em função do capital, obriga todos a uma rotina de produção e de consumo de mercadorias, transformando o próprio homem em mercadoria. Essa temática, complexa e de interesse público, é encenada na rua ou em espaços alternativos, com muita agilidade e de forma épica, abusando do humor e da ironia para desfilar uma série de questionamentos, provocações e críticas ao capitalismo e suas práticas predatórias de exploração do trabalho, criando uma divertida metáfora da vida contemporânea com suas contradições e absurdos, aparentemente, naturalizados.

Criação **Brava Companhia** / direção **Fábio Resende** e **Ademir de Almeida** / dramaturgia **Fábio Resende** e **Ademir de Almeida** / elenco **Cris Lima**, **Débora Torres**, **Henrique Alonso**, **Joel Carozzi**, **Luciana Gabriel**, **Marcio Rodrigues**, **Rafaela Carneiro** e **Sérgio Carozzi** (*stand in* **Maxwell Raimundo**) / cenário, adereço e figurino **Cris Lima**, **Débora Torres**, **Joel Carozzi**, **Marcio Rodrigues**, **Rafaela Carneiro** e **Sérgio Carozzi** / trilha sonora **Brava Companhia** / fotografia **Fábio Hirata** / produção **Kátia Alves** / assistente de produção **Luciana Gabriel**

Trajetória

O grupo começa sua história em 1998, com outra denominação, na zona sul da cidade de São Paulo, região de origem da maioria dos seus integrantes. A partir de 2007 adota o nome Brava Companhia. O início dos trabalhos é marcado por uma pesquisa da linguagem teatral que tinha como principais eixos: o corpo, o jogo e o improviso, aliados à vontade dos seus integrantes de fazer um teatro que chegasse principalmente até os seus iguais, ou seja, populações que tinham pouco ou nenhum acesso a essa linguagem. Para alcançar esse objetivo, o grupo opta por uma prática que o caracteriza até hoje: a circulação de seus espetáculos por bairros da periferia. Posteriormente, somam-se a essa ação a implantação de oficinas teatrais em alguns bairros, a organização de Encontros e Mostras de Teatro, o apoio à criação de outros grupos e espaços de cultura e intercâmbios com outros coletivos de pesquisa teatral. Desde sua origem em 1998 a Companhia criou dez espetáculos, todos com ampla circulação por centenas de bairros da cidade de São Paulo, mostras e festivais do país, e também no exterior. Os mais recentes são: *A brava*, de 2007, *O errante* e *Este lado para cima – isto não é um espetáculo* – ambos de 2010, e *Corinthians, meu amor – segundo Brava Companhia* – uma homenagem ao TUOV, com estreia prevista para 2012.

Fotos: Fabio Hirata

Repertório

A brava

Gênero: teatro épico
Classificação etária: a partir de 16 anos
Duração: 1h30 minutos

Sinopse

Espetáculo inspirado na história de Joana d'Arc, que propõe uma reflexão sobre objetivos, rumos e escolhas, e a nossa postura frente às consequências dessas escolhas. Nessa montagem da Brava Companhia, a saga da heroína francesa é mostrada de forma épica, se valendo de recursos como a música, a interação com a plateia e referências da cultura popular e da cultura pop, agregadas a situações cênicas que exploram o drama e um humor anárquico, para construir paralelos com os dias de hoje. As "vozes" ouvidas por Joana tornam-se símbolos que podem ser interpretados como a crença em objetivos ou a ousadia de trilhar caminhos contrários a padrões preestabelecidos pela sociedade.

Criação **Brava Companhia** / direção **Fábio Resende** / direção musical **Fábio Resende** / dramaturgia **Brava Companhia** / elenco **Rafaela Carneiro**, **Fábio Resende**, **Márcio Rodrigues** e **Ademir de Almeida** / cenografia **Fábio Resende** / projeto de cenário **Mundano** / confecção de cenário **Márcio Rodrigues** / criação e confecção de figurino **Ligia Passos** e **Karla Maria Passos** / assistente de figurino **Rafaela Carneiro** / música **Brava Companhia** / fotografia **Fábio Hirata** / preparação corporal **Brava Companhia** / assessoria a preparação corporal **Adriana Fortes** / produção **Kátia Alves** e **Luciana Gabriel**

Oficina

Técnica do ator e criação em grupo no trabalho da Brava Companhia

Essa oficina de teatro tem o propósito de, a partir de uma vivência criativa, partilhar alguns dos elementos do treinamento dos atores da Brava Companhia e dos exercícios e jogos em grupo para a criação de personagens, cenas e dramaturgia.
Os exercícios e jogos fazem parte do repertório das experiências e práticas acumuladas pelo grupo ao longo de 13 anos ininterruptos de pesquisa, sempre em um constante trabalho de pesquisa para a criação na rua e em espaços não convencionais.
Público-alvo: jovens e adultos a partir de 16 anos (não precisa ter experiência com teatro)
Carga horária: a combinar
Ministrante: Fábio Resende
Número máximo de participantes: entre 20 e 30 pessoas, de acordo com dimensões do espaço (sala) de trabalho;
Recomendação: roupas leves e confortáveis.

Ver neste catálogo: Expressões em Artes Cênicas

Pensamento Giratório

O mundo das aparências, suas imagens e o teatro da contraimagem. Vivemos na era da imagem, na sociedade do espetáculo, ou como diz Guy Debord "o espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem. O treinamento técnico do ator deve produzir condições facilitadoras para que o público possa aprender criticamente o que está sendo construído (imagem) e desvelado (contraimagem). Este lado para cima busca mostrar por meio do que chamamos de gestos contraditórios as armadilhas e as engrenagens que produzem a alienação e o conformismo e trazem à tona a contraimagem do que tem sido naturalizado como padrão de vida em sociedade. Os gestos contraditórios são materializados durante a encenação, por meio de movimentos coletivos, gestos dos atores, música e sons, palavras, apresentação e utilização de objetos cênicos que compõem a cenografia.

UM PRÍNCIPE CHAMADO EXUPÉRY

cia. mútua

Gênero: teatro de animação
Classificação etária: adultos e crianças a partir de 8 anos
Duração: 50 minutos

SANTA CATARINA

Fotos: Cia Mútua

Sinopse

Exupéry é um jovem e destemido aviador. Ele e seus amigos, que juntos formam "os cavaleiros do céu", enfrentam o mar, o céu e o ar, a noite, o deserto, as montanhas e as tempestades para cumprir seu ofício: transportar o correio aéreo. Essa vida de perigo, mistério e aventura inspira Exupéry a começar a escrever sua obra.
Um príncipe chamado Exupéry é um teatro de animação sobre a vida do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry, no período de 1926 e 1944, quando Exupéry trabalhava para a Companhia de Correio Aéreo Aéropostale, antes de ter-se tornado conhecido mundialmente por seu romance *O pequeno príncipe*. Em uma época em que os aviões eram quase de papel, o piloto entregava cartas em escalas de voos diários, que se estendiam pela Europa, África e América do Sul. Uma de suas escalas era na praia do Campeche, em Florianópolis, local onde ele ficou eternizado como "Zéperri".

Direção **Willian Sieverdt** / texto e concepção **Mônica Longo**, **Guilherme Peixoto** e **Willian Sieverdt** / elenco **Mônica Longo** e **Guilherme Peixoto** / cenografia **Jaime Pinheiro** / trilha sonora **Guilhermo Santiago** e **Paulo Zanny** / preparação de elenco **Angela Finardi** / mecanismos **Paulo Nazareno** / desenhos **Marcos Leal** / escultura de bonecos **Mônica Longo** / pintura dos bonecos **Luiz Carlos Vigarani** / consultoria de pesquisa **Mônica Cristina Corrêa** / *design* gráfico **Leandro De Maman** / técnicos **Luis Melo**, **Laura Correa** e **Fernando Honorato** / pesquisa e produção **Cia. Mútua**

Trajetória

Fundada em 1993 e atualmente estabelecida na cidade de Itajaí-SC, a Cia. Mútua pesquisa o teatro de animação desde 2002, produzindo e apresentando espetáculos, ministrando oficinas e investigando novas possibilidades de desdobramentos nessa linguagem cênica. Possui em seu repertório os espetáculos: *Um príncipe chamado Exupéry* (2010), *Flashes da vida* (2007), *Felizes para sempre* (2005), *Teatro Lambe-lambe* (2005) e *A caixa* (2004), com os quais foi contemplada com prêmios nacionais, participando de diversos festivais nacionais e internacionais, além de projetos de circulação e/ou ocupação de espaços, como os do SESC e da Caixa Cultural. Já se apresentou na França, Espanha, Chile, Argentina e em dez estados brasileiros.
Guilherme Peixoto, fundador da companhia, dirigiu e atuou em todos os espetáculos da companhia, apresentando-se em vários festivais nacionais e internacionais por oito estados brasileiros e na Argentina, Chile, Espanha e França. Premiado como Ator Revelação e Melhor Ator em festivais catarinenses, em 1986 e 1987. Em festivais nacionais, ganhou os prêmios de melhor diretor e melhor roteiro original com o espetáculo *A caixa*, em 2006 e 2007, quando também recebeu o Prêmio Especial pela Excelência na Manipulação dos Bonecos.

Repertório

Teatro Lambe-lambe

O Lambe-lambe é uma caixa cênica em miniatura, independente e itinerante, onde são encenados espetáculos de teatro de bonecos de curta duração, geralmente assistidos por uma ou duas pessoas em cada sessão. O nome lambe-lambe faz alusão às antigas máquinas fotográficas que povoaram as praças brasileiras no início do século XX. A seguir, as peças:

Missiva

Sinopse

As mensagens em garrafas estão pelo mundo, jogadas ao sabor das ondas. Que fim elas levam, vão ao fundo ou encalham? São profundas ou "algo que as valham"?
Espetáculo inspirado nessas garrafas sem destino, que navegam pelos mares à procura de alguém que as decifre. A história é encenada dentro de uma garrafa e o público é convidado a espiar pelo gargalo. Toda a estética foi concebida a partir das cartas, bilhetes e recados recebidos pela autora.
A peça tem duração de dois minutos e sua indicação etária é a partir de 10 anos.

– – – – – – – – – – –

Criação, roteiro, estética e animação **Mônica Longo** / mecanismos e iluminação **Guilherme Peixoto** / sonoplastia **Fernando Spessatto** / estrutura **Edson Wessler** / arte gráfica **Mônica Longo** e **Leandro De Maman**

Miragem

Sinopse

Inspirada livremente no texto *La sed*, de Rafael Curci, é uma reflexão sobre as diversas "sedes" que o ser humano sente nos desertos da vida.
"É a alma hoje que está tão deserta. Morre-se de sede." Saint-Exupéry
E você, tem sede de quê?
A peça tem duração de dois minutos e sua indicação etária é a partir de 12 anos.

– – – – – – – – – – –

Criação, roteiro e animação **Guilherme Peixoto** / esculturas, figurino e estética **Mônica Longo** / mecanismos e iluminação **Guilherme Peixoto** / sonoplastia **Fernando Spessatto** / estrutura **Edson Wessler** / arte gráfica **Leandro De Maman**

El viaje

Sinopse

As viagens são um meio para quem procura a transformação. Mas paradoxalmente, essa transformação potencia nossa essência, aquilo que verdadeiramente somos. E é sempre o amor (à vida, à outra pessoa, a si próprio) que nos motiva. Espetáculo lambe-lambe inspirado livremente na canção infantil *Manuelita, la tortuga*, da autora argentina Maria Elena Walsh. A peça tem duração de 4 minutos e indicação etária para 10 anos.

– – – – – – – – – – –

Criação, roteiro, estética e animação **Laura Correa** / acabamentos estéticos **Mônica Longo** / mecanismos e iluminação **Guilherme Peixoto** / estrutura **Marcelo Melo** / música Nostalgias, de **Juan Carlos Cobián** e Adiós Nonino, de **Astor Piazzola**

Deda Silveira

Pensamento Giratório

A poesia da não palavra – a universalidade da dramaturgia sem palavras e o desafio de transformar a poesia escrita e/ou oral em poesia visual.

Oficina

Sensibilização para as formas animadas

A oficina tem como objetivo sensibilizar os participantes para a animação de formas comuns como utensílios domésticos, sacolas de supermercado e papel jornal, fazendo-os vislumbrar um mundo de objetos, reciclados ou não, que podem ganhar vida através do movimento. É voltada para atores que querem iniciar na manipulação de bonecos, bem como para profissionais da área da educação que queiram ampliar suas metodologias pedagógicas. Serão trabalhados conceitos básicos da manipulação de bonecos como monstruosidade, foco, eixo e triangulação.
Público-alvo: atores, professores, arte-educadores, contadores de história e comunidade em geral
Carga horária: 6 horas/aula
Ministrante: Guilherme Peixoto
Número máximo de participantes: 20 adultos
Recomendação: roupas confortáveis e propícias para o trabalho corporal

Ver neste catálogo: Expressões em Artes Cênicas

OXIGÊNIO

companhia brasileira de teatro

Gênero: drama
Classificação etária: 12 anos
Duração: 1h20 minutos

PARANÁ

Fotos: Elenize Dezgeniski

Sinopse

A peça trata de assuntos contemporâneos, como violência, terrorismo, racionalidade e consumismo. Na trama, um homem é condenado, acusado pelo assassinato da própria mulher, juntamente com sua amante. Com essa situação, começa uma discussão polêmica e poética sobre os dramas de uma geração e o que é o "oxigênio" de cada um de nós. Com *Oxigênio*, a Companhia Brasileira de Teatro apresenta ao país o dramaturgo, diretor e ator russo Ivan Viripaev, até então inédito no Brasil.

Texto **Ivan Viripaev** / tradução **Irina Starostina** e **Giovana Soar** / direção **Marcio Abreu** / elenco **Patrícia Kamis** e **Rodrigo Bolzan** / cenário **Fernando Marés** /cenotécnica **Sérgio Richter** / figurino **Ranieri Gonzalez** / trilha sonora **Gabriel Schwartz** / música **Gabriel Schwartz** e **Vadeco** / iluminação **Nadja Naira** / fotografia **Elenize Dezgeniski** / *design* gráfico **Adriana Alegria** / contrarregra **Josiel Paris** / direção de produção **Giovana Soar** / produção executiva **Cássia Damasceno** / assessoria de imprensa **FCcomunicação**

Trajetória

A Companhia Brasileira de Teatro foi criada em 2000 por profissionais dispostos a trabalhar na criação de espetáculos, processos e a pensar o teatro a cada projeto realizado. Principais trabalhos da companhia: *Volta ao dia...* (direção e texto final de Marcio Abreu, a partir da obra de Julio Cortázar, Curitiba, 2002); *O empresário* (ópera de Mozart, adaptação e direção de Marcio Abreu e Beto Lanza, Rio de Janeiro, 2004); *Suíte 1* (texto de Philippe Minyana, tradução Giovana Soar e direção de Marcio Abreu, Rio de Janeiro, 2005); *Apenas o fim do mundo* (texto de Jean-Luc Lagarce, tradução de Giovana Soar e direção de Marcio Abreu, Curitiba, 2006); *O que eu gostaria de dizer* (direção de Marcio Abreu e dramaturgia em colaboração com os atores, Rio de Janeiro, 2008); *A viagem* (direção de Giovana Soar e Nadja Naira, Curitiba, 2009); *Descartes com lentes* (de Paulo Leminski, direção de Marcio Abreu, Curitiba, 2009); *Distraits, nous vaincrons* (intercâmbio entre a companhia brasileira de teatro e Compagnie Jackart/Mugiscué, Théâtre de La Maison de la Poésie, Paris, 2010); *Meu nome* (criação e dramaturgia Marcio Abreu, Giovana Soar, Nadja Naira, em parceria com o projeto ArteAção da Casa da Ribeira de Natal/RN); *Vida* (texto e direção Marcio Abreu, a partir da obra de Paulo Leminski, Curitiba 2010); *Oxigênio* (texto de Ivan Viripaev, direção de Marcio Abreu, Curitiba 2010); *Isso te interessa?* (texto de Noëlle Renaude, direção de Marcio Abreu, Curitiba 2011). O espetáculo *Vida* recebeu o Prêmio Bravo! Bradesco Prime de Cultura 2010, de melhor espetáculo do ano, o Troféu Gralha Azul – Prêmio Governador do Estado do Paraná, em 2010, nas categorias melhor espetáculo, texto e direção/ator protagonista e ator coadjuvante e três indicações ao Prêmio Shell de Teatro – categorias texto, música e cenário. *Oxigênio* recebeu cinco indicações ao Prêmio Questão de Crítica, no Rio de Janeiro, melhor espetáculo, direção, ator, cenário e música.

Oficina

Dramaturgia e construção da cena

A proposta é sensibilizar os participantes, oferecendo instrumentos para a leitura crítica e a criação a partir de estímulos literários e teatrais. As referências utilizadas fazem parte do repertório desenvolvido por Marcio Abreu para e com a Companhia Brasileira de Teatro, e incluem textos próprios e os de autores teatrais contemporâneos, brasileiros e estrangeiros, estímulos audiovisuais e exercícios práticos de escrita e de criação de dramaturgia da cena e do ator. Inclui ainda análise de estruturas narrativas, construção de narrativas, conceitos e exercícios de transposição e adaptação, criação de repertório individual e coletivo, observação crítica e produção de texto.

Público-alvo: preferencialmente profissionais ou estudantes de teatro e áreas afins, como literatura, cinema e artes visuais

Carga horária: 8 horas

Ministrante: Marcio Abreu

Número máximo de participantes: 20

Pensamento Giratório

Na oportunidade de encontro para discutir ideias e pensamento sobre o nosso trabalho, a proposta passará pela trajetória da Companhia Brasileira de Teatro, pelo percurso de criação da peça *Oxigênio* e pelos princípios que norteiam o trabalho da companhia nos últimos anos. A seguir, algumas ideias que nos guiaram: *Oxigênio* é uma peça de geração, a geração do autor, a minha geração. É uma peça de gente que nasceu na década de 1970 e ouve músicas com fones de ouvido. Ela condensa uma diversidade de inquietações, debates e irreverências próprios de quem cresceu sob a égide do avanço do consumismo, das transformações políticas em nível global, do terrorismo, do fanatismo religioso, das mudanças de hábito, da confusão de uma "nova ordem mundial" ainda frágil, indefinida, multifacetada. A partir daí, propomos a reflexão sobre o que é essencial para cada um, relativizando moralidades e polemizando pontos de vista. O que é o oxigênio para você?

Ver neste catálogo: Expressões em Artes Cênicas

A BARCA
grupo grial de dança

Gênero: dança contemporânea
Classificação etária: livre
Duração: 1h30 minutos

PERNAMBUCO

Fotos: Grupo Grial

Sinopse

O encontro entre os grupos Grial e Mestres de Cavalo-Marinho já vem se delineando no tempo, em busca de uma escritura corporal e cênica ímpar. Em *A barca* (Trilogia *Uma história, duas ou três – Parte I*), o grupo grial de dança Seguindo a ideia de construir um espetáculo de rua com esses brincantes, com histórias populares e eruditas das mais diversas maneiras, o Grial chega a um espetáculo festivo, lúdico, poético, vigoroso e musical. Tudo na sua construção cênica permeia o universo do cavalo-marinho para construir contações de histórias universais como Dom Quixote, Joana D'Arc, Medusa, Romeu e Julieta, Iara e outras. Aqui, a tradição entra em cena de forma pungente, contundente, inteira e criativa para questionar o lugar das tradições no Brasil de hoje.

Concepção e coreografia **Maria Paula Costa Rêgo** / direção de arte **Dantas Suassuna** / intérpretes Grupo Grial: **Aldene Nascimento**, **Dayse Marques**, **Emerson Dias**, **Fabio Soares**, **Maria Paula Costa Rêgo**; Cavalo-Marinho Estrela de Ouro: **Mestre Biu Alexandre**, **Sebastião Martelo**, **Aguinaldo da Silva**, **Risoaldo da Silva**, **Vinha da Silva**, **Bmilo da Silva**; Cavalo-Marinho Estrela Brilhante: **Nice Teles**; Cavalo-Marinho Estrela do Oriente: **Mestre Inácio Jacinto**; Cavalo-Marinho Boi Brasileiro: **Luís Paixão** / cenografia e figurino **Andréa Monteiro** e **Dantas Suassuna** / cenotécnica e sonoplastia **Almir Negreiros** / desenho de luz **Luciana Raposo** / iluminação **Luciana Raposo** / produção executiva **Carla Carvalho**

Trajetória

Em 1997, o Grupo Grial de Dança foi criado por Ariano Suassuna (poeta, escritor, criador do Movimento Armorial e membro da Academia Brasileira de Letras) e Maria Paula Costa Rêgo (formada em Dança pela Universidade da Sorbonne – Paris, ex-bailarina do Balé Popular de Recife e da Cia. de Dança Les Passagers – Paris). Suassuna buscava retomar a pesquisa sobre a linguagem da dança e encontrou em Maria Paula o fio condutor necessário para transformar a ideia em movimento. São 15 anos de amadurecimento que transformaram e deram densidade à proposta estética do Grupo Grial de Dança. Os brincantes que serviam de objeto de pesquisa são hoje o corpo de dança do Grial. A cultura popular, que entrou no grupo como inspiração, tornou-se cerne das suas criações coreográficas nos últimos seis anos, muitas delas criadas por meio de prêmios e editais nacionais. Cada resultado da pesquisa feita pelo Grial resulta num brasão histórico em forma de coreografia, que provoca os sentimentos do público e emociona ao representar as manifestações populares com a nobreza que, frequentemente, é dedicada somente à arte erudita.

Repertório

Cavalo-marinho

Gênero: folguedo
Classificação etária: livre
Duração: 1h30 minutos

Sinopse

O cavalo-marinho é um dos folguedos mais ricos da Zona da Mata Pernambucana. Uma brincadeira tradicional, na qual vários personagens desfilam ao som de instrumentos tocados ao vivo, com muita poesia cantada, teatralizada, dançada e uma forte (e estranha) beleza de gestos e cores de uma ópera milenar popular e festiva. Hoje em dia, restam poucos representantes dessa brincadeira, mas os que ainda seguram esse estandarte brincam com tamanha força poética e destreza, que são capazes de transformar ideias. O Grial foi tocado por essa gente e, há 15 anos essa tradição popular vem burilando o seu universo estético contemporâneo. Alguns dos grupos de tradição que realizam essa brincadeira estão aqui representados: o Estrela de Ouro, o Estrela Brilhante, o Estrela do Oriente e o Boi Brasileiro. Juntam-se hoje, para nos fazer conhecer partes dessa brincadeira, conquistar públicos e alargar campos.

Direção-geral **Maria Paula Costa Rêgo** e **Mestre Biu** / intérpretes Grupo Grial: **Aldene Nascimento**, **Dayse Marques**, **Emerson Dias**, **Fabio Soares**, **Maria Paula Costa Rêgo**; Cavalo-Marinho Estrela de Ouro: **Mestre Biu Alexandre**, **Sebastião Martelo**, **Aguinaldo da Silva**, **Risoaldo da Silva**, **Vinha da Silva**, **Bmilo da Silva**; Cavalo-Marinho Estrela Brilhante: **Nice Teles**; Cavalo-Marinho Estrela do Oriente: **Mestre Inácio Jacinto**; Cavalo-Marinho Boi Brasileiro: **Luís Paixão** / cenotécnica e sonoplastia **Almir Negreiros** / iluminação **Luciana Raposo** / produção executiva **Carla Carvalho**

Fotos: Grupo Grial

Repertório

Travessia (Trilogia *Uma história, duas ou três – Parte II*)

Gênero: dança contemporânea
Classificação etária: livre
Duração: 50 minutos

Sinopse

Travessia é um mergulho festivo na caminhada milenar da contação de histórias. No desejo de reforçar os elos que nos ligam às origens mais remotas da cultura brasileira, o Grial parte da contação inicial representada pelas pinturas e inscrições das nossas itaquatiaras (pedras pintadas, em tupi), principalmente da Pedra do Ingá, no agreste paraibano, até chegar às versões mais recentes de histórias transmitidas pela oralidade e cuja autoria se perdeu no tempo. Histórias que formam a nervura central da nossa personalidade criadora, cujos fios se estendem através das gerações e são ludicamente tecidos pelo Grial, que procura encontrar novas possibilidades de contá-las, mantendo acesa a chama dessa tradição.

Direção de arte e cenário **Dantas Suassuna** / bailarinos **Aldene Ferreira**, **Dayse Marques**, **Emerson Dias**, **Fabio Soares**, **Joab Jó** e **Maria Paula Costa Rêgo** / trilha sonora **Claudio Rabeca** e **Públius Lentulus** / cantadeira **Nice Teles** / concepção e coreografia **Maria Paula Costa Rêgo** / cenotécnica e sonoplastia **Almir Negreiros** / figurino **Andrea Monteiro** / desenho de luz e iluminação **Luciana Raposo** / produção executiva **Carla Carvalho**

Oficina

Um olhar sobre a cultura popular

A cultura popular é uma linguagem artística autônoma e pode servir de alicerce para a criação de variadas técnicas de dança de fácil adequação à criação artística. A oficina mostra a prática de algumas danças tradicionais e suas reconstruções como base de construções narrativas em uma tentativa de compreender a linguagem da dança. Aproxima a cultura popular da criação coreográfica e ajuda a tornar o olhar de quem observa esse universo capaz de perceber os canais de possibilidades coreográficas contidas nas manifestações populares.
Público-alvo: 4 horas e 8 horas (de acordo com cada cidade visitada)
Carga horária: bailarinos e coreógrafos com alguma experiência em dança
Ministrantes: Maria Paula Costa Rêgo e Grupo Grial
Número de participantes: 30

Pensamento Giratório

No Brasil, a tradição popular ocupa um lugar de menor destaque nas pesquisas por uma contemporaneidade estética. A cultura popular é memória, rastro da passagem do homem no tempo e no espaço na longa jornada dos povos. Esse rico e importante material de dança, teatro, música e poesia muito traduz nossa brasilidade. E na tentativa de desfazer equívocos sobre a tradição popular, o Grupo Grial joga no tabuleiro de discussões temas sobre o que é a dança, que material lançar mão para determinada construção narrativa, qual a minha (a sua, a nossa) contemporaneidade artística?

Ver neste catálogo:
Expressões em Artes Cênicas

CRU
cia. plágio de teatro

Gênero: drama
Classificação etária: 16 anos
Duração: 50 minutos

DISTRITO FEDERAL

Anderson Brasil

Hugo Rocha

Sinopse

Em um açougue de beira de estrada numa cidade do interior do Brasil, vivem o jagunço Cunha e sua amiga de infância, o travesti Frutinha – que é dono do açougue. Um forasteiro de nome Zé, vindo de Brasília, chega à localidade à procura de Cunha. Frutinha tenta desvendar o verdadeiro motivo da chegada de Zé, mas não consegue arrancar o segredo bem guardado. Zé e Cunha se encontram e acertam os detalhes de um serviço a ser contratado, enquanto são observados permanentemente por Frutinha. Durante a conversa, lembranças e antigas dívidas vêm à tona, para desaguar em um final que surpreende pela violência e surpresa que provoca.

Texto **Alexandre Ribondi** / direção **Sérgio Sartório** e **Alexandre Ribondi** / elenco **Chico Sant´anna**, **Sergio Sartório** e **Vinicius Ferreira** / iluminação e cenário **Sérgio Sartório** / figurino **Cyntia Carla** / operador de luz **Daniela Vasconcelos** / operador de som **Alexandre Ribondi** / produção **Daniela Vasconcelos** e **Sérgio Sartório**.

Trajetória

A Cia. Plágio de Teatro nasceu em 2007, do encontro do diretor, dramaturgo e ator Alexandre Ribondi com o ator, diretor, cenógrafo e iluminador Sérgio Sartório. Desde então, tem trabalhado com nomes significativos do teatro e mantido um repertório que se destaca pela variedade de temas, linguagem e público. O primeiro espetáculo da companhia, *Virilhas*, tratou da diversidade sexual; em seguida o grupo montou *O dicionário de Machado*, para o público infantil, inspirado em contos de Machado de Assis. Na comédia *O homem de Buenos Aires* foi explorado um dado relativamente novo no cenário político brasileiro: o Mercosul e a aproximação do Brasil com a América do Sul de fala hispânica. Sempre procurando alternar peças cômicas com dramas, a companhia apresenta o drama *Cru*, com a proposta de um mergulho profundo na violência que tomou conta da sociedade brasileira, tentando entender os motivos que levam o homem à agressão e ao desejo de destruir o que o cerca.
Cru é ganhador de vários prêmios, como os de melhor texto original e segundo melhor espetáculo, além de indicações nas categorias ator (Sérgio Sartório), ator coadjuvante (Chico Sant`Anna) e direção, no II Festival Nacional de Teatro de Goiânia; melhor espetáculo pelo júri popular, no XII Festival de Teatro de Americana-SP; melhor texto, ator (Chico Sant`Anna) e figurino, no XVII Festival de Teatro do Rio; melhor espetáculo, direção (Sérgio Sartório e Alexandre Ribondi), dramaturgia, ator (Sérgio Sartório) e figurino, no Prêmio SESC do Teatro Candango.

Oficina

Pensamento Giratório

O realismo/naturalismo no teatro e as técnicas de atuação usadas pela Cia. Plágio de Teatro. A companhia pesquisa a interpretação naturalista, para isso inicia os jogos cênicos com seus atores antes do texto decorado e de fechar o trabalho de mesa, trabalhando quase sempre com textos próprios que são reescritos na fala dos atores.

Leitura e interpretação de texto dramático para entendimento e construção da personagem

A oficina tem como objetivo trabalhar os primeiros passos para o entendimento e a construção da personagem e seu lugar dentro do espetáculo a partir de textos de teatro. Os exercícios partem de leituras de textos dramáticos, seguem com improvisos das cenas lidas e buscam dar mais velocidade e prontidão para o mergulho nas personagens.
Público-alvo: pessoas já iniciadas em interpretação
Carga horária: mínimo de 4 horas
Ministrantes: Alexandre Ribondi e Sérgio Sartório
Número máximo de participantes: 15

Ver neste catálogo:
Expressões em Artes Cênicas

DIA DESMANCHADO

teatro torto

Gênero: teatro gestual
Classificação etária: livre
Duração: 50 minutos

RIO GRANDE DO SUL

Marco Antonio Filho

Sinopse

Inspirada na obra O ensaio, do dramaturgo norte-americano Benjamin Bradford, *Dia desmanchado* conta a história de um exterminador de insetos que vive em sua casa mergulhado na banalidade do seu cotidiano, até ser surpreendido pela chegada de uma carta, na qual uma mulher lhe propõe um encontro. A carta o deixa em estado de alerta, obrigando-o a ensaiar a esperada ocasião, na tentativa de que nada fuja do seu controle. O encontro deve ser bem-sucedido, pois não é sempre que o amor bate à sua porta. Nessa realidade de espera e angústia, o ensaio para o encontro é uma corrida contra um dia que avança sem piedade e o homem se vê magicamente envolvido por outros aspectos do tempo. E assim, o dia do homem se desmancha em tempos incompreensíveis e contraditórios, onde se misturam passado, presente e futuro.

Direção e dramaturgia **Tatiana Cardoso** /atuação **Marcelo Bulgarelli** / cenário e objetos de cena **Maíra Coelho** / figurino **Teatro Torto** / trilha sonora original **Jackson Zambelli** e **Sérgio Olivé** / formação musical **Simone Rasslan** / bandoneón **Mano Monteiro** / iluminação **João Carlos Dadico** / contrarregra **Giovanna Zottis** / rádio **Heitor Schmidt** / fotografia **Marcelo Amaral**, **Marco A. F.** e **Gerson de Oliveira**

Trajetória

O Teatro Torto desenvolve suas atividades tendo o ator como foco, em um trabalho cotidiano no preparo de si, na busca de uma prática constante, autônoma e autoral. O Teatro Torto nasce em 2005, com a criação do espetáculo *As Bufa*, Prêmio Açorianos de Teatro Revelação 2008, em Porto Alegre. Em 2007 realiza o projeto Ator Autor – criação e multiplicação, no qual desenvolve um treinamento físico com outros atores da cidade e realiza oficinas pelo interior do Rio Grande do Sul. Em 2010, com o projeto Meyerhold 70 anos – Contraponto, também contemplado pelo Fumproarte de Porto Alegre, realiza além da criação do espetáculo *Dia desmanchado*, um encontro com oficina, palestras, debates e aula-espetáculo em colaboração com a Cia. Mundu Rodá (SP) e o Centro Internacional de Biomecânica Teatral (Itália). Os últimos três projetos foram contemplados com o Prêmio Myriam Muniz da Funarte. O Teatro Torto mantém suas atividades em intercâmbio permanente com o mestre russo de biomecânica teatral Gennadi Bogdanov e com o grupo Vindenes Bro, coordenado por Iben Nagel Rasmussen, do Odin Teatret, da Dinamarca. O Teatro Torto recebeu em 2010, com o espetáculo *Dia desmanchado*, o Prêmio Açorianos de melhor ator (Marcelo Bulgarelli) e o Prêmio Açorianos de melhor trilha sonora original (Jackson Zambelli e Sérgio Olivé), além de ser indicado a melhor espetáculo do ano.

Oficina

O ator criador

A oficina tem como objetivo analisar e experimentar técnicas que estimulem a autonomia criativa do ator, tendo como base os princípios do treinamento físico desenvolvido pelo Teatro Torto. No programa, exercícios corpóreos, uso da energia, presença, princípios básicos da ação física dentro do sistema meyerholdiano, reconhecimento de aspectos potenciais para desenvolvimento de um treinamento pessoal. Os exercícios práticos são realizados sob orientação, de forma individual ou coletiva.

Público-alvo: atores, bailarinos, estudantes de artes cênicas e interessados em geral
Carga horária: 8 horas (a combinar)
Ministrante: Marcelo Bulgarelli e Tatiana Cardoso
Número de participantes: 20
Recomendação: roupas confortáveis

Pensamento Giratório

O processo de criação do espetáculo; os sete princípios básicos da construção da ação dentro do sistema de Meyerhold; a teatralidade, o grotesco e a ação extra-cotidiana; a temática do tempo na contemporaneidade, abordadas no espetáculo *Dia desmanchado*.

Ver neste catálogo: Expressões em Artes Cênicas

PAI & FILHO

pequena companhia de teatro

Gênero: drama
Classificação etária: a partir de 14 anos
Duração: 60 minutos

MARANHÃO

Foto: Pequena Companhia de Teatro

Sinopse

O espetáculo é uma adaptação da obra *Carta ao pai*, de Franz Kafka e utiliza uma linguagem crua e visceral para discutir as relações de poder, originadas na estrutura familiar e disseminadas na constituição sociocultural contemporânea. Na peça, um homem aprisionado e oprimido pelo poder do pai procura enfrentá-lo, mas seu discurso não consegue quebrar a hierarquia familiar, impedindo que um diálogo aberto se estabeleça. A encenação cria um espaço para discutir o conflito de gerações e a relação de dependência utilizada no seio familiar como instrumento de poder.

– – – – – – – – – –

Elenco **Cláudio Marconcine** e **Jorge Choairy** / encenação e dramaturgia **Marcelo Flecha** / iluminação, cenário e figurino **Marcelo Flecha** / operador de luz e de trilha sonora **Marcelo Flecha** / trilha sonora e assessoria de imprensa **Jorge Choairy** / produção executiva e percussão **Katia Lopes** / identidade visual **Cláudio Marconcine** / fotografia **André Lucap**, **Ayrton Valle** e o **Grupo** / registro videográfico **Cláudio Marconcine**

Em atividade desde 2005, a Pequena Companhia de Teatro concentra duas décadas procurando desenvolver uma linguagem que potencialize seus conteúdos e tentando democratizar o acesso a esses resultados por meio de debates, oficinas e circulação dos seus espetáculos. Jorge Choairy, Cláudio Marconcine, Katia Lopes e Marcelo Flecha desenvolvem uma pesquisa continuada para o treinamento autoral e o aprimoramento de suas encenações com o uso do Quadro de Antagônicos – instrumento criado pelo coletivo e que serve como base da sua metodologia. Por compreender que o teatro se sustenta no ator e no espectador, a Pequena Companhia de Teatro elabora seu trabalho na construção de um ator pleno. *Pai & Filho* recebeu o Prêmio Myriam Muniz de Teatro (Funarte/MinC/Governo Federal).

Trajetória

Ver neste catálogo:
Expressões em Artes Cênicas

Oficinas

O Quadro de Antagônicos como instrumento de treinamento para o ator

A oficina procura aproximar os participantes da metodologia aplicada pela Pequena Companhia de Teatro no treinamento pré-expressivo e expressivo dos seus atores. O Quadro de Antagônicos é um instrumento criado e desenvolvido pelo grupo e tem sua origem na oposição física como mecanismo de aperfeiçoamento técnico. Apresenta dez pares de antagônicos como sugestão de experimentação físico-energética para o ator, composto de vinte palavras antagônicas a receber representações físicas. O participante aplicará o Quadro de Antagônicos no processo de construção de uma personagem e de uma cena – por meio da investigação física no desenvolvimento de uma dramaturgia atoral.
Público-alvo: atores e estudantes de teatro
Carga horária: 8 horas
Ministrante: Marcelo Flecha
Número de participantes: 16
Recomendação: uso de roupas leves que possibilitem a execução de exercícios físicos e não afetem a flexibilidade do participante

Do épico ao dramático: a transposição de gêneros como instrumento de confecção de dramaturgia

A oficina tem por objetivo a introdução ao estudo dos princípios, métodos e técnicas de adaptação literária, através da análise dos gêneros literários, da apresentação do processo de adaptação de *Pai & Filho* e do desenvolvimento de habilidades para a produção de dramaturgia textual. Prioriza como linha de trabalho quatro ações introdutórias ao exercício da prática de produção textual com foco no gênero dramático: discussão sobre os gêneros literários; exposição da prática metodológica para a adaptação em *Pai & Filho*; reflexão sobre a teoria e a prática apresentada; e produção de dramaturgia a partir da transposição de gêneros com base em contos da literatura universal.
Público-alvo: alunos do ensino médio e escritores iniciantes
Carga horária: 6 horas
Ministrante: Marcelo Flecha
Número máximo de participantes: 16

Pensamento Giratório

Teatro polidramático: o diálogo entre dramaturgias no teatro contemporâneo. Discutir as congruências e incongruências das distintas dramaturgias – ator, autor, encenador, luz, cenografia, música, espaço – na formação dos dizeres contemporâneos. Refletir sobre as diferentes formas do dizer atual e seu alargamento além razão, através das percepções sensoriais.

MENININHA

jlm produções artísticas

Gênero: musical infantil
Classificação etária: livre
Duração: 50 minutos

RIO DE JANEIRO

Fotos: JLM

Sinopse

Menininha é um espetáculo criado em torno das canções para infância de Vinícius de Moraes, Toquinho e Chico Buarque, onde uma menina e sua boneca vivem um ciclo de vida, construindo uma fábula sobre o crescimento da "menininha"até o ponto dela se tornar mãe. Assim o espetáculo se torna uma peça lúdica em que a imaginação do público complete os sentidos presentes, podendo ser interpretados de diversos modos, uma vez que se acentuam os momentos poéticos, buscando uma liberdade de fruição.

Direção **João Cícero** / roteiro **Laura Castro** e **João Cícero** / supervisão **João das Neves** /elenco **Laura Castro** e **Marta Nobrega** / *Stand in* **Camila Caputti**, **Letícia Medella do Prado Couto**, **Isabel Monteiro Cruz de Assis Pacheco** / músicas **Vinícius de Moraes**, **Toquinho**, **Chico Buarque** e **Edu Lobo** / direção musical e piano **Filipe Bernardo** / músicos **Leonardo Soares de Freitas** e **Eduardo Viana Gonçalves dos Santos** / cenário e programação visual **André Castro** / cenotécnica **Humberto Silva** e **Humberto Silva Jr.** e equipe / figurino **Rodrigo Cohen** / iluminação **Dani Sanchez** / consultoria em teatro de animação **Magda Modesto** / preparação vocal **Marcello Sader** / preparação corporal **Kika Freire** / maquiagem **Amanda Britto** / fotografia **Irene Nobrega** / assistentes de figurino **Anouk Van Der Zee**, **Bianca de Carvalho** e **Marcela Fauth** /operador de luz e som **Allan Imianowsky**

Trajetória

A JLM Produções Artísticas é uma empresa idealizadora e produtora de projetos em variadas áreas culturais. Desde 2003 é uma das realizadoras expoentes em montagens teatrais e musicais no Rio de Janeiro e, desde 2006, vem expandindo sua área de atuação para os setores do audiovisual, publicação literária, patrimônio e música. A partir de 2009, criou a marca Agosto Cultural para produções em parceria, como o espetáculo *RockAntygona* e a primeira MITA – Mostra Internacional de Teatro de Animação. A empresa produziu inúmeros espetáculos de renome nacional como *Obrigado, Cartola* e *Gota d'água*, além de *Bituca, o vendedor de sonhos*; *Um homem célebre* e *Carolina*, este último em comemoração ao centenário de morte de Machado de Assis. Circulando com sucesso pelo país, tem destaque o musical *Besouro Cordão de Ouro*, indicado a três categorias do Prêmio Shell de 2007 (vencedor de um). Em final de 2010 estreou o espetáculo *Menininha* no CCBB Rio, seguindo, em 2011, para o CCBB Brasília.

Oficinas

Oficina de musicalização

Introdução ao ritmo através do canto e da dança
Público-alvo: crianças de 6 a 12 anos
Carga horária: 2 horas
Ministrantes: Filipe Bernardo e Laura Castro/Camila Caputti
Número máximo de participantes: 20

Oficina de poesia

Introdução a poesia a partir da obra de Vinicius de Moraes para crianças
Público-alvo: crianças de 6 a 12 anos
Carga horária: 2 horas
Ministrante: Filipe Bernardo e Marta Nóbrega/Isabel Pacheco ou Sarah Cintra
Número máximo de participantes: 20

Pensamento Giratório

Reflexão sobre o processo de construção de um espetáculo para crianças em que se misturam linguagem e experiências pessoais. A base para a criação da peça foi o nascimento de uma menininha.

Ver neste catálogo: Expressões em Artes Cênicas

VILA TARSILA

cia. druw

Gênero: dança
Classificação etária: adolescentes e crianças acima de 5 anos
Duração: 60 minutos

SÃO PAULO

Fotos: Cia. Druw

Sinopse

Com um roteiro que valoriza o lúdico, *Vila Tarsila* joga luzes nas memórias de infância de Tarsila do Amaral. Miriam Druwe em parceria com Cristiane Paoli Quito transportam o espectador ao mundo antropofágico da artista, demonstrando que sua obra nasceu de experiências visuais nas inúmeras viagens realizadas e das brincadeiras que recheavam as tardes na fazenda onde a pintora vivia em Capivari, interior de São Paulo, quando podia correr livremente entre pedras, árvores, cactus e brincar com bonecas feitas de mato, em contraponto com a educação francesa que recebeu de seus pais.

Direção-geral e artística **Miriam Druwe** / texto **Miriam Druwe** / concepção e criação **Miriam Druwe** e **Cristiane Paoli Quito** / roteiro e direção cênica **Cristiane Paoli Quito** / intérpretes **Adriana Guidotte**, **Anderson Gouveia**, **Bruna Petito**, **Elizandro Carneiro**, **Luciana Paes**, **Miriam Druwe**, **Tatiana Guimarães**, **Weidy Barbosa** / voz **Luciana Paes** / cenário e figurino **Marco Lima** / trilha sonora **Natália Mallo** / desenho de luz **Marisa Bentivegna** / adereços e bonecos **FCR produções artísticas** / videocenário **Felipe Sztutman** / operador de luz **Marcel Gilber** / direção de produção **Solange Borelli** / produção executiva **Selene Marinho**

Trajetória

A companhia foi criada em 1996, na cidade de São Paulo, pela bailarina e coreógrafa Miriam Druwe. Desde então vem desenvolvendo um trabalho cujo principal objetivo é experimentar novas possibilidades de pesquisa e criação com uma linguagem própria. Seus temas percorrem caminhos variados, com um estilo coreográfico que passeia de forma bem humorada e reflexiva por temas do cotidiano e questões internas e externas da natureza humana. A Cia. Druw tem como proposta de linguagem, o estudo e desenvolvimento da técnica contemporânea pesquisada e estruturada por Miriam Druwe. O estudo contínuo desta técnica pelos bailarinos vem trazendo resultados positivos na qualidade de movimentos, execução, interpretação e pesquisa, ampliando formas e contextos na dança. A Cia. Druw desenvolve atividades de formação artística que vão desde o estudo técnico aplicado aos seus integrantes e estudantes interessados em aprimoramento à criação de espetáculos que possam contribuir para a formação de público em geral, com temas atuais e de interesse geral, levando seus trabalhos em teatros e escolas públicas.

Dança contemporânea – Expansão do movimento

Aula de dança contemporânea, estruturada em módulos progressivos, com base nos princípios da técnica Alexander, que entende o estudo do movimento do corpo como um todo coordenado liberado nas suas articulações.
O objetivo das aulas é possibilitar o corpo a desenvolver qualidades de movimentos que contribuam de forma efetiva na formação e aprimoramento técnico do bailarino intérprete/criador.
A estrutura é fundamentada em estudos práticos da arquitetura desse corpo em movimento no tempo e no espaço, de forma a ampliar o repertório e o domínio técnico do bailarino intérprete/criador.
O estudo técnico aqui se refere às possíveis evoluções que esse corpo seja capaz de executar de forma segura e consciente, ampliando seu domínio e potencializando sua expansão.
Público-alvo: bailarinos em nível intermediário e avançado
Carga horária: 4 horas
Ministrante: Miriam Druwe e Cia. Druw
Número máximo de participantes: 25 (dependendo do local)

Por uma vila chamada Tarsila

Essa oficina tem como objetivo proporcionar ao educador vivências práticas em dança, música e artes plásticas com conteúdos extraídos dos elementos que compõem o espetáculo *Vila Tarsila*. O encontro será uma troca de experiências visando instrumentalizar o educador com propostas práticas pedagógicas a serem utilizadas em sala de aula com base na obra da artista Tarsila do Amaral. O educador poderá vivenciar e trazer seus alunos para assistir ao espetáculo, enriquecendo as possibilidades de exploração do tema: Por uma vila chamada Tarsila.
Público-alvo: educadores
Carga horária: 4 horas
Ministrante: Miriam Druwe e Cia. Druw
Número máximo de participantes: 25 ou 30 (dependendo do local)

Por uma vila chamada Tarsila para crianças

Tem como objetivo proporcionar vivências práticas em dança e artes plásticas com base nos elementos do espetáculo Vila Tarsila. A partir das obras da pintora, as crianças serão instigadas a identificar as que constam no espetáculo e vivenciarão processos lúdicos criativos corporais. Essa oficina poderá ser realizada logo após o espetáculo.
Público-alvo: crianças de 7 a 14 anos
Carga horária: 1h30 minutos
Ministrante: Miriam Druwe e Cia. Druw
Número máximo de participantes: 25

Pensamento Giratório

Temática para reflexão e discussão para artistas e educadores: "Toda obra de arte deve nascer de uma necessidade interior" (Kandinsk). O mote são os caminhos percorridos da inspiração à composição nos processos criativos da Cia. Druw, impressão, improvisação e composição.

Ver neste catálogo:
Expressões em Artes Cênicas

ANJO NEGRO

cia. teatro mosaico

Gênero: tragédia
Classificação etária: 14 anos
Duração: 1h40 minutos

MATO GROSSO

Fotos: Cia. Teatro Mosaico

Sinopse

Virgínia é uma linda mulher de pele branca que é obrigada a casar com Ismael, um homem rico, poderoso e de pele negra, depois de ter sido por ele violentada. A trama da peça é conduzida pelo embate travado entre Virgínia e Ismael, pois ela sempre está grávida contra a sua vontade e vinga-se dessa condição assassinando cada filho negro que nasce do seu ventre. Mas Virgínia apaixona-se à primeira vista por Elias, um homem branco, e esse sentimento lhe dá forças para viver seu amor.

Texto **Nelson Rodrigues** /direção de movimentos **Elka Victorino** /direção musical **Ricardo Porto** / elenco **Deo Garcez**, **Celso Gayoso**, **Dani Ornellas**, **Daniela Leite**, **Genival Soares**, **Joana Seibel**, **Beatriz Napolitani**, **Milena Machado**, **Sandro Lucose**, **Raquel Mutzemberg**, **Rany Carneiro** e **Venício Souza** / encenação **Sandro Lucose** / figurino **Pedro Lacerda** / sonoplastia **Genival Soares**, **Venício Souza** e **Celso Gayoso** / cenografia **Antônio de Pádua** / iluminação **César Germano** / fotografia e vídeo **Maurício Oliveira** / operador de áudio **Ricardo Porto** / operador de luz **Lourivaldo Rodrigues** / direção de produção **Sandro Lucose** / assistente de produção **Lauro Simão** / produção executiva **Sandro Lucose**

Trajetória

A Cia. Teatro Mosaico foi fundada em 1995 pelo ator e produtor cultural matogrossense Sandro Lucose, é formada por atores, técnicos e diretor advindos de diversas regiões do país, que constituíram uma associação sem fins lucrativos, visando à criação de um campo de trabalho. Já percorreu mais de 100 cidades brasileiras, apresentando-se em praças, galpões, pátios, centros culturais do Banco do Brasil do Rio de Janeiro e de Brasília e nos festivais de teatro mais tradicionais do país. Entre os espetáculos encenados pela companhia estão *Anjo negro*, de Nelson Rodrigues; *Uma mulher vestida de sol*, de Ariano Suassuna; *Sambalele*, de Sandro Lucose; *A caravana da ilusão*, de Alcione Araújo; *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare; *A menina e o vento*, de Maria Clara Machado; *Auto da estrela-guia*, de Sandro Lucose e *Muito barulho por nada*, de William Shakespeare. Hoje a companhia está sediada em Cuiabá, MT, criando espetáculos de cunho popular para fomentação de plateias e fortalecimento da cena matogrossense e do teatro brasileiro.

Oficina

A construção da cena rodrigueana

Dirigida a atores e diretores de grupos em formação, a oficina trata da obra de Nelson Rodrigues em teoria e prática, trabalhando desde a concepção até a construção cênica de personagens e cenas de obras do autor. A ênfase é a comunicação entre diretor e ator, e o objetivo é difundir e estimular a produção cênica das obras do autor. Os participantes receberão previamente os textos de Nelson Rodrigues, bem como as orientações a serem previamente trabalhadas como forma de preparação para a oficina. Nessa oficina propomos que os atores da Cia. Mosaico trabalhem com os atores participantes. Todos serão dirigidos pelos diretores que participarem das oficinas.

Público-alvo: atores e diretores de grupos em formação
Carga horária: 10 horas
Ministrante: Sandro Lucose
Número máximo de participantes: cinco diretores e 20 atores

Ver neste catálogo: Expressões em Artes Cênicas

Pensamento Giratório

O ponto de partida para o pensamento giratório com a Cia. Teatro Mosaico são as prováveis inspirações de Nelson Rodrigues, presentes no universo jornalístico onde ele trabalhou. O diálogo com a plateia será uma discussão a partir da genialidade do autor, que soube editar com maestria passagens de sua própria vida ou de vidas alheias, transformando fatalidades, delírios e paixões em obras de arte. A dramaturgia de *Anjo Negro* também guarda uma similitude com os clássicos do teatro grego. Repleta de brasilidades, como a fé religiosa, a miscigenação racial e, sobretudo, a cultura patriarcal herdada dos tempos coloniais, revela uma grandiosidade que vai além desses aspectos locais, conseguindo atingir valores universais. O objetivo desse diálogo é chamar a atenção do espectador para o lado mais sério e poético de Nelson Rodrigues, comparando o *Anjo negro* – um dos textos mais poéticos do autor – às demais obras de Nelson Rodrigues, e, assim, colaborar para difusão da poesia rodrigueana.

PÓLVORA E POESIA

hiperativa comunicação e cultura

Gênero: drama
Classificação etária: 18 anos
Duração: 60 minutos

Fotos: Hiperativa

Sinopse

Pólvora e poesia é um espetáculo que vai além da história amorosa e estética de encontros e desencontros entre Arthur Rimbaud e Paul Verlaine (vividos pelos atores Talis Castro e Caio Rodrigo, respectivamente), dois grandes escritores do final do século XIX. Rimbaud, um poeta rebelde, de ideologias que fervilham originalidade e personalidade, esfacela a todo instante o discurso socialmente arranjado de Verlaine. Com um texto impactante, a carga poética da peça fica por conta da violência emocional com que o lirismo salta dos discursos travados para tomar forma em movimentos corporais pontuados pelos riffs de guitarra. O espetáculo convida a plateia a uma imersão no que há de mais humano: o encontro conflituoso com o próprio eu. Fernando Guerreiro é diretor com mais de 30 anos de experiência e realizador de sucessos de crítica e público, tais como *Os cafajestes* (Prêmio Sharp de Melhor Musical nem 1995), *Calígula* (Prêmio Copene de Melhor Espetáculo e Direção em 1999), *Boca de ouro* (Prêmio Braskem de Melhor Espetáculo em 2002), entre outros. Com *Pólvora e poesia*, conquistou o Prêmio Braskem de Teatro 2011 nas categorias direção e espetáculo adulto.

Autor **Alcides Nogueira** / diretor **Fernando Guerreiro** / atores **Caio Rodrigo** e **Talis Castro** / diretor musical e *guitar man* **Juracy Do Amor** / cenografia **Rodrigo Frota** / figurino **Hamilton Lima** / iluminação **Irma Vidal** / fotografia **Maira Lins** / assistente de direção e preparadora de elenco **Hilda Nascimento** / assessoria coreográfica **Lucas Tanajura**

Pensamento Giratório

A construção de *Pólvora e poesia* foi marcada pela prática constante do enfrentamento. Esse caminho extinguiu das cenas quaisquer disfarces que pudessem tirar do público a oportunidade de ver-se de frente com a ação nua, absoluta, crua e, por isso mesmo, muito próxima da realidade que espelha cada um. Nesse processo os atores foram levados a olhar de frente seus limites e avançar sobre eles simples e radicalmente. Desde a pesquisa inicial até a finalização da obra (que permanece mutante porque está viva), enfrentar-se e reconhecer-se foram essenciais para o resultado obtido. A equipe estará à disposição para compartilhar sua experiência e construir uma ação dialógica aberta a trocas e reflexões.

Trajetória

A Hiperativa Comunicação e Cultura une arte e marketing, desenvolvendo projetos em comunicação, cultura, educação e negócios, além de executar projetos artísticos e mercadológicos nas áreas de produção cultural e comunicação. Atua em Salvador há seis anos através do seu fundador, Talis Castro, publicitário, produtor cultural e ator. O diretor Fernando Guerreiro começou sua carreira em 1977, tendo já dirigido: *Toda nudez será castigada*, *Álbum de família*, *Beijo no asfalto* e *Boca de ouro*, de Nélson Rodrigues, além de *O santo inquérito*, de Dias Gomes, e *Vereda da salvação*, de Jorge Andrade, além de *Calígula*, de Albert Camus; *Equus*, de Peter Shaffer; *Bent*, de Martin Sherman; *A casa de Bernarda Alba e Yerma*, de Lorca e *Volpone*, de Ben Jonson. É um dos fundadores da Companhia Baiana de Patifaria, com a qual produziu a comédia *A bofetada*, um dos maiores sucessos do teatro brasileiro, que permanece em cartaz desde 1988, atingindo a marca de 500 mil espectadores.

Oficina

As qualidades do movimento humano

Em seu trabalho, o artista pratica uma experiência somática. Nesse plano de compreensão do fazer teatral é que *Pólvora e poesia* foi concebido. Na oficina que está sendo proposta, serão apresentados elementos que compuseram o programa de investigações corporais criado para os atores. Esses elementos configuram uma trajetória de explorações que envolvem diversas linguagens (corporais, filosóficas, artísticas, terapêuticas) e buscam integrar todos os aspectos da corporeidade, com vistas a oferecer sustentação a uma atuação física e emocionalmente intensa. Espera-se que os participantes possam avaliar melhor a condução de futuros processos de criação e montagem dos quais venham a participar.

Público-alvo: preparadores corporais, atores, dançarinos e demais interessados na natureza do movimento humano e sua significação

Carga horária: 8 horas

Ministrante: Hilda Nascimento

Número de participantes: 20

Recomendação: uso de roupas confortáveis

Ver neste catálogo:
Expressões em Artes Cênicas

O AMOR DE CLOTILDE POR UM CERTO LEANDRO DANTAS

trupe ensaia aqui e acolá

Gênero: comédia
Classificação etária: 12 anos
Duração: 1h30 minutos

PERNAMBUCO

Foto: Trupe Ensaia Aqui e Acolá

Sinopse

Inspirada no folhetim *A emparedada da Rua Nova*, do escritor pernambucano Carneiro Vilela (1846–1913), a peça conta a história de uma jovem que engravida do namorado em Recife, no final do século XIX, e é emparedada viva pelo próprio pai para fugir da vergonha familiar e preservar a honra. Na versão teatral da Trupe Ensaia Aqui e Acolá os elementos que renderiam um melodrama de circo ganham delicioso contorno paródico, pelo contraste entre o gênero sério e seu tratamento em chave cômica. Referências à cultura pop dão sabor a essa comédia, que resgata o conto do imaginário popular para fazê-lo reviver de maneira crítica e bem-humorada. *O amor de Clotilde por um certo Leandro Dantas* recebeu o Prêmio Myriam Muniz (2008) e os prêmios de Melhor Espetáculo pela crítica e pelo público, concedidos pelo 17º Janeiro de Grandes Espetáculos (2011). Integrou a programação de importantes festivais de teatro do país – Festival Recife do Teatro Nacional; Cena Contemporânea de Brasília; Porto Alegre em Cena; Festival Internacional de Artes Cênicas, em Caxias do Sul, entre outros.

Texto e adaptação **Trupe Ensaia Aqui e Acolá** / direção de elenco **Ceronha Pontes** / elenco **Andréa Rosa**, **Andrea Veruska**, **Ceronha Pontes**, **Iara Campos**, **Jorge de Paula**, **Marcelo Oliveira** e **Tatto Medinni** / encenação **Jorge de Paula** / figurino **Marcondes Lima** / trilha sonora **Trupe Ensaia Aqui e Acolá** / iluminação **Sávio Uchôa** / operador de luz **Sávio Uchôa** e **Dado Sodi** / operador de som **Juliana Montenegro** / cenografia **Jorge de Paula** / maquiagem **Trupe Ensaia Aqui e Acolá** / assessoria **Ana Medeiros** / identidade visual **Daniela Borel** / produção **Karla Martins** e **Juliana Montenegro**.

Pensamento Giratório

O drama circense em Pernambuco: o melodrama e a comédia conduzindo a emoção do público nos espetáculos de circo-teatro. Reflexão sobre a origem, o desenvolvimento e a importância do melodrama e da comédia nos espetáculos de circo-teatro pernambucanos, destacando os principais autores e suas obras.

O amor de Clotilde por um certo Leandro Dantas: um espetáculo inspirado na metodologia de encenação dos dramas circenses pernambucanos. A partir das pesquisas realizadas por Marco Camarotti em seu livro *O palco no picadeiro*, pretende-se traçar um paralelo entre a metodologia de montagem dos espetáculos de circo-teatro pernambucanos apresentadas por esse autor e a produção, a dramaturgia e a encenação da peça.

Trajetória

A Trupe Ensaia Aqui e Acolá é formada por oito arte-educadores, com Licenciatura em Educação Artística/Habilitação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e artistas profissionais que possuem em comum a necessidade de vivenciar processos colaborativos de criação cênica. O grupo iniciou seus trabalhos em 2006, comprometido com a investigação teórico-prática sobre arte/educação e as formas marginalizadas de teatro – teatro da infância e juventude, circo-teatro e o teatro folclórico –, preconizadas pelo estudioso pernambucano e doutor em teatro Marco Camarotti. Alguns dos livros publicados por esse autor serviram de base para as duas encenações realizadas pela Trupe. A primeira delas, *Rififi no picadeiro* (2007), adaptada de um dos textos dramáticos de Camarotti, teve como principal influência o livro *A linguagem no teatro infantil* (2001), no qual Camarotti propõe uma nova estética para o teatro da infância e juventude. A segunda encenação, *O amor de Clotilde por um certo Leandro Dantas* (2010), colocou em prática a metodologia da encenação dos dramas circenses registrada no livro *O palco no picadeiro: na trilha do circo teatro* (2004), do mesmo autor.

Oficina

Mímica corporal dramática: a precisão e a comunicação do movimento cênico

O objetivo principal dessa oficina é treinar artistas circenses, intérpretes e alunos das escolas de circo, por meio do estudo de movimentos de expansão, contração, tensão, relaxamento, tempos ritmos e respiração para a composição de cenas mímicas baseadas na investigação dos centros estéticos do corpo humano, viabilizando, dessa forma, a utilização dessa técnica expressiva em trabalhos artísticos. A oficina tem como base para o seu conteúdo programático as pesquisas do artista francês François Delsarte (1811-1871), que preconizou a divisão do corpo em três centros estéticos principais: o mental (cabeça), o físico (membros) e o emocional (tronco). Esses centros, utilizados de forma individual ou combinada, norteavam a construção do corpo do intérprete e colaboravam para a construção da sua expressividade física, tendo como base o desenvolvimento de partituras corporais por meio da manipulação consciente desses centros estéticos.

Público-alvo: intérpretes (ator, atriz, dançarino(a), bailarino(a), circenses profissionais, estudantes de teatro, dança e/ou circo)
Carga horária: 8 horas
Ministrante: Jorge de Paula (diretor/ator/arte-educador)
Número de participantes: 20
Recomendação: roupas confortáveis, de tecidos leves e elásticos, de preferência sem estampa ou adornos que possam causar algum ferimento. Nenhum acessório será permitido durante as aulas (brinco, pulseira, colar, tornozeleira, piercing, anel, relógio, tiara (a não ser de pano) etc.

Ver neste catálogo: Expressões em Artes Cênicas

[...] ROTEIRO ESCRITO COM A PENA DA GALHOFA E A TINTA DO INCONFORMISMO

pausa companhia de teatro

Gênero: comédia dramática
Classificação etária: livre
Duração: 60 minutos

PARANÁ

Foto: Alessandra Haro

Sinopse

Um cachorro manipulado sentencia: "A vida é boa!" No instante seguinte cai morto e, com ele, os atores Rodrigo Ferrarini, Renata Hardy, Pablito Kucarz e Andrea Obrecht igualmente desfalecem. Tal qual Brás Cubas, é pelo fim que começa [...] *Roteiro escrito com a pena da galhofa e a tinta do inconformismo*, peça da Pausa Companhia, feita a partir de contos e outros escritos de Machado de Assis. O roteiro final, assinado por Fernando Kinas, costura intervenções dos atores a contos como *Pai contra mãe*, no qual um pai decide capturar uma escrava fugitiva grávida para sustentar o filho com a recompensa; e *Ideias de um canário*, sobre uma ave que define o mundo a partir do pouco que vê.

– – – – – – – – – –

Textos **Machado de Assis** / roteiro **Fernando Kinas** / direção musical **Marcelo Torrone** / criação e elenco **Pablito Kucarz**, **Renata Hardy**, **Rodrigo Ferrarini**, **Andrea Obrecht**, **Tatiana Blum** (*stand in*) / cenário **Fernando Marés** / cenotécnica **Sérgio Richter** / figurino **Paulo Vinícius** / trilha sonora **Marcelo Torrone** / preparação de elenco **Babaya** / iluminação **Nadja Naira** / operador de luz **Nina Rosa** / operador de sonoplatia e montagem **Anderson Quinsler** / *videomaker* **Fábio Allon** / assistente de produção **Michele Menezes** / voz *off* **Luthero Almeida**

Trajetória

A Pausa Companhia de Teatro foi formada por um núcleo de cinco atores. Em 2004, a companhia produziu seu primeiro espetáculo, *Gravidade zero*, monólogo de Mário Bortolotto, dirigido por Emília Hardy e interpretado pelo ator Gabriel Gorosito. Em agosto de 2005, produziu *Aperitivos*, seis textos curtos de Mark Harvey Levine, inéditos no Brasil. A peça, dirigida por Marcio Mattana, percorreu diversas cidades do país pelo projeto do SESC Palco Giratório. O grupo também trouxe ao Brasil a estreia nacional de Martin Crimp, um dos maiores nomes da dramaturgia britânica contemporânea. A trilogia *Menos emergências* estreou em 2007 no Festival de Teatro de Curitiba. *Febre – um sintoma cênico*, em parceria com Fernando Kinas e *O mez da grippe*, dirigido por Moacir Chaves, foram trabalhos desenvolvidos ao longo de 2008, inspirado na obra do escritor curitibano Valêncio Xavier. Em 2009, a Pausa Companhia se debruçou sobre a obra de Machado de Assis, no projeto *Um diálogo com Machado. [...] Roteiro escrito com a pena da galhofa e a tinta do inconformismo* é fruto dessa pesquisa e estreou em 2010 no Espaço 2, em Curitiba.

Oficina

Construção cênica

A oficina tem o objetivo de oferecer aos alunos práticas corporais e vocais que os tornem aptos a construir cenas teatrais a partir da improvisação de temas, situações e fragmentos de textos. Serão desenvolvidos exercícios com temas e conceitos recorrentes no repertório dos espetáculos da Pausa Companhia, e os alunos serão instigados a refletir sobre o diálogo que essas práticas podem estabelecer com o público.
O método de trabalho terá os seguintes eixos fundamentais: aquecimento e alongamento direcionado com o objetivo de melhorar o rendimento físico dos alunos; práticas de aquecimento vocal, de respiração, de dicção e projeção vocal; improvisações a partir de temas usualmente utilizados pelo grupo; aplicação de técnicas de leitura no teatro e desenvolvimento da elaboração de cenas.
Público-alvo: pessoas interessadas em teatro, a partir de 12 anos
Carga horária: 3 dias de 4h/aula.
Ministrantes: Andrea Obrecht, Pablito Kucarz, Renata Hardy e Rodrigo Ferrarini
Número máximo de participantes: de 30 a 45 alunos, divididos em três grupos.

Pensamento Giratório

Qual o papel do espectador no evento teatral? É na tentativa de formular respostas para essa questão que se sustentam as transformações na cena moderna. As respostas formuladas pelos artistas desde então são as mais variadas, sempre com o intuito de propor uma relação ativa e efetiva da cena com o público teatral. O teatro moderno se vê, assim, diante de indagações acerca do sentido dessa arte em seu diálogo com a sociedade e deflagra profundas transformações na relação da cena com a sala e do palco com a plateia. As transformações operadas na arte teatral, portanto, tiram o texto de uma posição necessariamente central no espetáculo, conferindo igual importância aos demais elementos constituintes da encenação. A partir de então, todos os elementos de linguagem poderiam contribuir igualmente para apresentar um acontecimento teatral aos espectadores.

Ver neste catálogo:
Expressões em Artes Cênicas

INSTANTÂNEOS

cia. dos bondrés

Gênero: teatro de máscaras
Classificação etária: livre
Duração: 65 minutos

RIO DE JANEIRO

Foto: Cia. dos Bondrés

Sinopse

Instantâneos é inspirado no Topeng - teatro/dança dos rituais de Bali - e no teatro popular brasileiro, mas avança para o futuro respondendo às evoluções do espaço cênico de hoje. Investiga em sua encenação o princípio artesanal desses dois universos, suas cores vibrantes e seus ritmos tradicionais.
O espetáculo aborda o ser humano e suas relações por meio de situações cotidianas. No palco, cinco atores vivem diferentes máscaras, revelando de forma simples e lúdica a maneira como habitamos o mundo. Instantes de vida...
Resultado de uma pesquisa sobre objeto manipulado, o cenário habita o palco de maneira ágil e lúdica. Objetos são manipulados, ora por varas, ora sobre rodas.
Como o espetáculo não se fundamenta no uso de palavra e do diálogo, a música, tocada ao vivo, assume papel fundamental na narrativa, garantindo seu lugar junto aos atores. Instrumentos asiáticos como o gamelão e instrumentos brasileiros e africanos (cavaquinho, conga, alfaia e pandeiro, marimbas) se integram, propondo pesquisa de ritmos populares e criando uma orquestra de instrumentos tocadas por músicos e também pelos atores.

Direção **Fabianna de Mello e Souza** / texto **Fabianna de Mello e Souza/Cia dos Bondrés** / elenco (em revezamento) **Fabianna de Mello e Souza**, **Flavia Lopes**, **Matheus Lima**, **Lucas Oradovschi**, **Angelina Mello**, **Samantha Renó**, **Miguel Nogueira**, **Tomaz Nogueira** / cenografia **Ivan Gil de Mello e Souza** / iluminação **Aurélio Simoni** / figurino **Tânia Tartarelli** / trilha sonora **Samantha Renó** / produção **José Carlos Della Vedova**

Trajetória

A Cia. dos Bondrés, fundada em 2007, surgiu do desejo de aprofundar o estudo das técnicas da representação do ator através do jogo de máscaras, sua dramaturgia e o desenvolvimento da pesquisa de linguagem cênica e por meio da criação de objetos cênicos de manipulação. A direção do grupo está a cargo da diretora e atriz Fabianna de Mello e Souza, que traz em sua bagagem nove anos de experiência na trupe do Théâtre du Soleil, estudos em Bali, além de encontros com mestres no Japão, Sri Lanka e *Taiwan*. A consistência do trabalho do grupo é sempre observada com muito interesse pela classe teatral e pela crítica especializada. Desde o início, agregou simpatizantes. O grupo foi contemplado com o Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz, que resultou no espetáculo *Instantâneos* e em 2010 recebeu do MINC a bolsa residência que levou Fabianna de Mello e Souza e Flavia Lopes a Bali para treinamento de um mês com os mais reconhecidos mestres do TOPENG, I Made Djmat e I Nyoman Terima, o que permitiu a vinda deles ao Brasil para apresentações e *workshops* em quatro capitais brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza e Salvador.

Oficina

Treinamento do ator

Introdução de novas técnicas de treinamento do ator, dentro do princípio da criação coletiva.
Público-alvo: atores e estudantes de teatro
Número máximo de participantes: 30
Ministrante: Fabianna de Mello e Souza
Carga horária: de 6 a 8 horas

Ver neste catálogo: Expressões em Artes Cênicas

Pensamento Giratório

Reflexão sobre as tradições seculares do teatro oriental com aplicações no treinamento do ator contemporâneo. Uma investigação sobre corpo épico e os princípios das técnicas do Coro e do Corifeu no jogo da cena, na criação do personagem e no processo coletivo de criação.

CABEÇÃO DE NEGO

laso cia. de dança

Gênero: dança contemporânea
Classificação etária: livre
Duração: 60 minutos

RIO DE JANEIRO

Fotos: Vantoen PJR

Sinopse

O espetáculo traz ao palco uma reflexão provocativa sobre as mudanças tecnológicas e sociais causadas pela nova era *cyber* digital. O título *Cabeção de nego* refere-se a essa explosão, ao grande *boom* tecnológico causador de profundas, inquietantes e inesperadas alterações sociais. De que forma o homem vivencia o novo universo digital? O espetáculo provoca questões sobre a riqueza de possibilidades do repertório corporal de nossa dança e do mundo de aparências, que parece se anunciar como medida prioritária para os jovens.

Direção-geral e artística **Carlos Laerte** / textos **Victor D'Olive** / intérpretes **Kelly Anacleto**, **Lousianne Reis**, **Maria da Lapa**, **Suelen Oliveira**, **Thatila Paganotti**, **Tiago Oliveira** e **Victor D'Olive** / pesquisa e dramaturgia **Marcelo Augusto** / cenotécnica **Henrique de Souza** / figurino **Mariana Sued** / trilha sonora **Luciano Salvador Bahia** / *maître de ballet* **Rubens Rocha** / direção de fotografia **Vantoen P. Jr.** / desenho de luz **Fernanda Mantovani** / videoarte **Ciro Kastrup**

Trajetória

A Laso Cia. De Dança foi criada em 2002 pelo diretor e coreógrafo Carlos Laerte, a companhia tem o objetivo de trazer à tona movimentos que traduzam a nova identidade do panorama da dança carioca. Carlos Laerte trabalha em suas concepções artísticas com diversas técnicas como balé clássico, dança contemporânea, cinema e teatro, traçando nessas interseções uma linguagem própria de movimentos, que é a assinatura de suas obras.
A companhia tem em seu repertório oito obras dirigidas e coreografadas por Carlos Laerte: *Sons*, primeiro espetáculo da Cia., em 2002; *Caminhos*, em 2004; *Relações*, Teatro Castro Alves, em 2004, Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 2005, Teatro Carlos Gomes, em 2006 e Teatro Paulo Pontes, em João Pessoa, Fenarte, em 2008; *Identidade deslocada*, nos CCBBs do Rio de Janeiro e Brasília, em 2007; *Sobre mulheres*, Centro Cultural Suassuna, 2008; *O que nos move*, em 2009; *Identidade*, no Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro, em 2010, e *Cabeção de nego*, 2011 no teatro Sesc Ginástico, RJ.
A Laso recebeu os prêmios: Editais de Cultura 2008 – Dança – Secretaria de Cultura do Governo do Estado do Rio de Janeiro e Prêmio Funarte de Dança Klauss Vianna – Funarte/Petrobras, pela peça *O que nos move*; Prêmio Sesc Rio de Fomento à Cultura 2010, por *Cabeção de nego* e *O que nos move*; Residências Artísticas do Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro desde 2009; Prêmio Circuito Estadual das Artes, Rio de Janeiro, por *O que nos move* e *Cabeção de nego*, em 2010 e 2011.

Fotos: Laso

Repertório

O que nos move

Gênero: dança contemporânea
Classificação etária: livre
Duração: 60 minutos

Sinopse

O que nos move discute o movimento humano a partir do diálogo entre profundidade e superfície: de que modo experiências profundas como o desejo e o sonho se manifestam na superfície das coisas? O que diz a nossa pele sobre nossos desejos? O que velamos quando nos vestimos? E o que revelamos? Como a experiência do afeto modifica a nossa relação com os objetos ao redor? Essas e outras questões são desenvolvidas na peça em constante interação com o cenário. Assim, o movimento, apesar de sua fugacidade, vai aos poucos tomando forma de registro, ideia reforçada pelo uso de gravação de imagens fora e dentro da cena, em tempo real, aproximando passado e presente, brincando com a memória dos acontecimentos e com a sua possibilidade de repetição.

Direção e concepção **Carlos Laerte** / elenco **Kelly Anacleto**, **Lousianne Reis**, **Maria da Lapa**, **Suelen Oliveira**, **Thatila Paganotti**, **Tiago Oliveira** e **Victor D'Olive** / seleção de textos **Carolina Maria** e **Carlos Laerte** / pesquisa **Monique Assis** e **Marcelo Augusto** / roteiro de imagens **Carlos Laerte** / cenografia **Gisele Leal** e **Laso Cia. de Dança** / cenotécnica **Henrique de Sousa** / figurino **Alessa** e **Laso Cia. de Dança** / trilha sonora **Carlos Laerte** e **DJ Marcão** / *maître de ballet* **Rubens Rocha** / confecção de estrutura **Altamir Ribeiro** / iluminação **Irma Vidal** / fotografia **Vantoen Jr.** / produção de imagens **Caroline Carvalho** e **Leila Meireles** / edição de imagens **Ciro Kastrup** / produção **Leila Meireles**

Repertório

Caminhos

Gênero: dança contemporânea
Classificação etária: livre
Duração: 55 minutos

Sinopse

Com uma linguagem lúdica, a peça revela os caminhos que o homem trilha durante sua vida. Usando como principal objeto de cena mesas de madeira, a peça vai sendo construída e desconstruída em uma coreografia na qual o cenário móvel participa como parte fundamental do contexto. A escolha da mesa como objeto simbólico desse espetáculo deve-se à sua presença marcante na vida humana: nela aprendemos nossas primeiras lições, nos relacionamos em nosso trabalho, em nossa casa, nos almoços em família ou nas praças e bares com os amigos. A mesa é um objeto social, um apoio e uma grande ferramenta de estudos do comportamento.

Direção-geral e artística **Carlos Laerte** / elenco **Kelly Anacleto**, **Lousianne Reis**, **Maria da Lapa**, **Suelen Oliveira**, **Thatila Paganotti**, **Tiago Oliveira** e **Victor D'Olive** / cenotécnica **Mauro Monteiro** / figurino **Mariana Sued** / trilha sonora **Carlos Laerte**, **Fernando Lhama**, **DJ Marcão**, **Pedro Lima** e **André Agra** / *maître de ballet* **Rubens Rocha** / desenho de luz **Ricardo Grings** e **Carlos Laerte** / fotografia **Robson Drummond** / produção **Leila Meireles**

Oficina

Criação coreográfica

A oficina tem como objetivos fazer com que os alunos desenvolvam um novo olhar sobre o seu movimento e criem células de movimento próprias em outras perspectivas. Durante esse processo, os participantes irão experimentar todos os segmentos do movimento: a dramaturgia do corpo, a subjetividade, o entendimento da narrativa coreográfica, o tempo e o seu lugar no espaço, estando só ou acompanhado, a estrutura técnica e o porquê do processo de criação coreográfica. Desconstruindo as técnicas já presentes e partindo da estrutura sólida de uma dança tradicional com códigos já estabelecidos, serão elaborados exercícios atraindo novos caminhos coreográficos, que permitam contrapor e unificar esses universos, de modo a mostrar a importância da tradição e ao mesmo tempo a possibilidade de desapego das antigas estruturas.
Público-alvo: artistas, bailarinos, atores, músicos, estudantes de dança e de teatro
Carga horária: 6 horas
Ministrante: Carlos Laerte
Número máximo de participantes: 30
Recomendação: roupas confortáveis que não prendam o movimento

Pensamento Giratório

Para pensar a arte e a tecnologia: qual a influência da tecnologia nas relações estéticas e sociais do mundo contemporâneo? Como as artes se relacionam com a tecnologia? Através de quais canais o homem pode inserir o pensamento *cyber* digital no seu fazer criativo sem ser manipulado por essa ferramenta, usando a tecnologia a seu favor. Como o comportamento sociocultural está sendo modificado pelo processo de informatização globalizada? De que forma o homem se vê diante dos universos virtual e real?

Ver neste catálogo:
Expressões em Artes Cênicas

Expressões em Artes Cênicas

Encenação – termo que, segundo A. Veinstein, designa o conjunto dos meios de interpretação cênica, tais como: cenário, iluminação, música e atuação. Em outros termos, a encenação consiste em transpor para o espaço cênico a estrutura dramática de um texto.

Comédia – a comédia pressupõe uma visão contrastada, até contraditória do mundo: um mundo normal, geralmente reflexo do mundo do público espectador, julga e caçoa do mundo anormal das personagens consideradas diferentes, originais, ridículas e, portanto, cômicas. Sua temática gira em torno de questões amorosas, de honra, de fidelidade conjugal e de política. Dentre os tipos de comédia podemos citar algumas:

1. **Comédia burlesca**: apresenta uma série de peripécias cômicas e chistes burlescos que ocorrem com uma personagem extravagante e bufona.
2. **Comédia de caráter**: que descreve personagens esboçadas com muita precisão em suas propriedades psicológicas e morais. Ela leva a certo estatismo ao propor uma galeria de retratos que dispensam a intriga, a ação e o movimento contínuo para tomar corpo.
3. **Comédia de costumes**: que faz o estudo do comportamento do homem em sociedade, das diferenças de classe, meio e caráter.
4. **Comédia de intriga**: opõe-se à comédia de caráter. As personagens são esboçadas de modo aproximado e os múltiplos recrudescimentos da ação propiciam a ilusão de movimento contínuo da ação.

Cenografia – é a arte da organização do palco e do espaço teatral. É também, por metonímia, o próprio desejo, aquilo que resulta do trabalho do cenógrafo. Atualmente, a palavra impõe-se cada

vez mais em lugar de decoração, para ultrapassar a noção de ornamentação e de embalagem que ainda se prende, muitas vezes, à concepção obsoleta do teatro como decoração.
Não deve ser confundido com cenário, que está dentro da cenografia, podendo-se dizer, por exemplo, que determinada cenografia era composta de vários cenários.
O profissional de cenografia precisa ter conhecimentos variados, tais como História da Arte, História do Teatro, História da Cenografia, Design, Iluminação, Geometria, Arquitetura Teatral, entre outros.

Teatro de animação – termo usado modernamente para denominar o teatro de bonecos. Com as técnicas atuais de iluminação e som, o teatro de animação faz uso de elementos como sombras, projeção de imagens, efeitos sonoros e outros recursos para contracenar com os atores-animadores e os bonecos. Originalmente, quando chegou ao Brasil trazido pelos portugueses, o teatro de animação tinha caráter religioso, tornando-se posteriormente popular. A temática infantil também deu lugar a temas sociais, atraindo um público adulto cada vez maior. Recebeu muitas denominações, como mamulengo, em Pernambuco; João-redondo, no Rio Grande do Norte; babau, na Paraíba; João-minhoca, na Bahia, em Minas Gerais e no Rio de Janeiro; Casimiro-coco, no Piauí e briguela, em São Paulo.

Teatro-musical – formas dramáticas que utilizam a música como expressão. Os espetáculos musicais valem-se da dramaturgia para criar a estrutura, os personagens, os conflitos, as situações e ações. Mas é pela música que todos se expressam. Descendente da ópera e da opereta, o teatro musical contemporâneo tem nos musicais da Broadway seus mais emblemáticos representantes.
No Brasil dos anos 1960, durante a censura imposta ao teatro e aos meios de comunicação, nasceu outro tipo de teatro musical: o teatro musical político. São dessa época Arena conta Zumbi, Roda Viva, Ópera do malandro e Gota d'água, Orfeu da Conceição, entre outros.

Ator protagonista – personagem principal de uma peça; o que está no centro da ação ou do conflito. Geralmente o protagonista é um galã, termo advindo do teatro francês, para designar o ator principal do século XVII a XIX. Os galãs deveriam ser bem-apessoados e possuir qualidades masculinas e nobres notórias. Ainda hoje, os protagonistas tendem a ter as características do galã tradicional.

Ator coadjuvante – personagem secundário, cuja função é valorizar o protagonista. Sua importância é dar suporte ao personagem principal em pequenas ações durante o desenvolvimento da trama.

Dança de rua – manifestações teatrais que ocorrem ao ar livre, em via pública. Tradição brasileira que data do Brasil Colônia, o teatro de rua é idealizado para atingir determinado público fora do espaço tradicional do teatro. Durante a ditadura militar, o gênero passou a ser associado a formas de teatro político. São expoentes do teatro de rua brasileiro o Teatro do Ambulante, idealizado por Ariano Suassuna e Borba Filho, em Pernambuco, o grupo Tá na Rua, de Amir Haddad, no Rio de Janeiro, o Vento Forte, de Ilo Krugli, em São Paulo, o Oi Nóis Aqui Traveiz, de Paulo Flores, em Porto Alegre, e o Grupo Galpão, em Belo Horizonte. Recentemente, destacaram-se no gênero o Teatro Anônimo, no Rio de Janeiro, o Fora do Sério, em São Paulo, e Parlapatões, Patifes e Paspalhões, em Petrópolis. O contato com grupos estrangeiros tem trazido ao Brasil novas linguagens cênicas, renovando o gênero e estimulando a formação de novos atores.

Brincantes – participantes dos espetáculos populares do Norte e Nordeste brasileiros, tais como o Bumba meu boi, o Cavalo-marinho, a Folia de Reis. Geralmente os brincantes especializam-se em determinados papéis e figuras. Como esses espetáculos são realizados geralmente por elencos mais ou menos fixos, treinados para a repetição de convenções literárias, musicais e gestuais, pode-se dizer que os brincantes são intérpretes qualificados nas formalizações tradicionais. Não deve, portanto, ser comparado ao folião, que nas festas populares não têm nenhuma participação definida.

Cavalo-marinho – manifestação popular e cênica, também chamado de brincadeira, auto ou folguedo, da qual participam figuras mascaradas e, às vezes, bonecos. Tem como enredo padrão uma festa oferecida pelo capitão Marinho aos Santos Reis do Oriente. Conta com um grupo de músicos e vários "brincantes", muitos representando os palhaços Mateus e Bastião, empregados do dono da festa. A estrutura das danças e dos cantos segue determinado padrão e a apresentação pode durar a noite inteira.

Drama – termo muitas vezes usado para designar o gênero oposto à comédia, o drama surge no século XVIII, na França, para designar o drama

burguês, um gênero intermediário entre a tragédia e a comédia. No século XIX, surge o drama romântico, no qual há mistura de elementos da tragédia e da comédia, quebra das unidades de tempo e espaço, multiplicação de personagens e complicação do enredo. Alexandre Dumas e Victor Hugo são dois expoentes do drama romântico francês.

Cenógrafo – profissional responsável pela arte da organização do palco e do espaço teatral. De acordo com a Agência Catho Empresa, o perfil profissional do cenógrafo exige que ele saiba formular o conceito artístico de cenografia, o contexto histórico, perfil das personagens, autor e conteúdo, possibilitando a compreensão do texto, dando corpo às palavras no espaço e no tempo, criando ambientes e atmosferas que valorizem e enfatizem a concepção cênica. Espera-se também que o cenógrafo seja capaz de elaborar projetos cenográficos a partir de estudos preliminares do espaço cênico, estudar a viabilidade na utilização de materiais e ajustes com equipes (artística, técnica e de produção) e acompanhar sua concretização, coordenando e supervisionando equipes de cenotécnica, produção cenográfica e outras equipes envolvidas na montagem da cenografia. Reelaborar projetos cenográficos para adaptar a cenografia a novos lugares e espaços.
O exercício dessa ocupação requer curso superior completo ou experiência equivalente (cenógrafo carnavalesco e festas populares). O exercício pleno das atividades ocorre após cinco anos (diretor de arte) e de três a quatro anos para as demais ocupações (exceto cenógrafo carnavalesco). Para o cenógrafo carnavalesco sem formação universitária, requer-se curso básico profissionalizante de duzentas horas-aula.

Iluminador – profissional responsável por criar ambiência cênica a partir do uso da luz. Deve criar efeitos de luz, determinar as cores e intensidades dependendo do contexto da peça. Esse profissional precisa ter conhecimentos de eletrotécnica, saber manejar a mesa de luz, os programas de computação específicos, além de entender do conceito estético da peça. O iluminador teatral normalmente trabalha próximo ao diretor e ao cenógrafo.

Personagem – em teatro, refere-se ao papel representado por ator ou atriz a partir da figura fictícia criada por um autor.

Teatro gestual – forma de teatro que privilegia o gesto e a expressão corporal, evitando ao máximo o

uso de outros recursos cênicos, tais como o texto e a música.

Biomecânica – Expressão usada pelo ator e diretor Vsevolod Meyerhold para descrever um método de treinamento do ator com base no estudo da mecânica aplicada ao corpo humano. Na biomecânica, cada movimento é composto de três momentos: 1) intenção, 2) equilíbrio e 3) execução.

Grotesco – em dramaturgia, a busca do cômico por meio de efeitos caricaturais, disformes, estranhos. A estética grotesca ridiculariza e relativiza o ideal do belo e do sublime, negando-se a oferecer uma imagem harmoniosa do ser humano e da sociedade.

Musical infantil – modalidade de teatro feito para crianças, que surge nas primeiras décadas do século XX nos Estados Unidos e na Europa. No Brasil, as primeiras manifestações do gênero surgiram em 1905, através de coletâneas de peças curtas de cunho moral, de Olavo Bilac e Coelho Neto. Durante muitos anos, as peças escritas para o teatro infantil visavam o desenvolvimento de valores morais. Em 1948, a tendência dá lugar a encenações com temas mais diversificados e vão surgindo grupos dedicados a espetáculos infantis. De 1949 a 1951, o Teatro Escola de São Paulo dedica-se a apresentar clássicos adaptados para crianças e adolescentes nas prefeituras de São Paulo. Em 1951, Maria Clara Machado funda o Tablado, no Rio de Janeiro, mudando para sempre o panorama do teatro infantil do país. Entre as peças de sua autoria que até hoje fazem sucesso entre a criançada, estão *Pluft, o fantasminha*, *O rapto das cebolinhas*, *O cavalinho azul*, *A menina e o vento*, *A bruxinha que era boa* e muitos outros.

Interpretação – modo pelo qual o ator demonstra ou recria as intenções do autor. A interpretação geralmente resulta de um trabalho dramatúrgico de escolhas de aspectos significativos que se quer valorizar em uma determinada obra.

Tragédia – gênero literário definido por Aristóteles como a imitação dos caracteres, das paixões e das ações humanas. O herói trágico é sempre vítima do destino, ou moira, em grego, que provoca algum acontecimento inevitável e irreversível em sua vida. Ainda que lute contra todas as forças contrárias, o herói trágico é sempre subjugado ao destino, que o conduzirá à mais completa perda . Alguns elementos fazem parte da tragédia, como a catarse, que é a purificação do espírito do espectador

através da purgação de suas paixões, especialmente dos sentimentos de terror ou de piedade vivenciados na contemplação do espetáculo trágico; O *pathos*, que é o sofrimento do herói; a *hibris*, que é o orgulho desmedido do herói e a hamartia, que é a falta ou erro causador da queda de um herói trágico.

Melodrama – gênero dramático surgido no século XVIII, no fim da Revolução Francesa, semelhante à opereta popular, no qual a música marca momentos dramáticos, expressando as emoções dos personagens. Sua estrutura pressupõe sempre os mesmos elementos: amor, traição, castigos, recompensas e a vitória da virtude.

Circo-teatro – circo que tem como proposta um espetáculo que pode conter três partes. Na primeira, apresentam-se no picadeiro trapezistas, malabaristas, contorcionistas, engolidores de fogo e palhaços, os artistas circenses por excelência. Na segunda parte, muitas vezes se apresentam artistas de fora do circo, vindos de programas de TV ou de rádio, é o show de artistas. Na terceira parte, há a apresentação de uma peça, escolhida de acordo com as preferências do público morador da região onde o circo se apresenta. Dramas e comédias fazem parte do repertório apresentado, assim como peças de temática religiosa, como A Paixão de Cristo, encenada na Sexta-feira da Paixão.

Teatro épico – designação usada por Bertolt Brecht para sua forma teatral, que procura evitar a comoção do espectador por meio de recursos que o levem a refletir criticamente sobre as ações mostradas no palco. Utiliza-se de efeitos de distanciamento entre o palco e a plateia, tais como a narração cênica, comunicação direta do ator com a plateia, utilização de máscaras, letreiros e música como comentário da ação. Rompe com a estrutura espaço-temporal entre as cenas e expõe todas as partes que criam ilusões de cena, tais como os aparatos cenográficos. Ao contrário da tragédia clássica, não que criar ilusão ou emoção, mas conscientizar o público da realidade social, levando-o a lutar contra as injustiças e a opressão.

Bibliografia

GUISBURG, J.; FARIA, João Roberto; LIMA, Mariangela Alves (Coord.). **Dicionário do teatro brasileiro**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: SESC/SP; Perspectiva, 2009.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

Sites consultados

CATHO Online. Disponível em: < http://www3.catho.com.br/guia/view.php?id=710>. Acesso em: 12 fev. 2012.

SESC. DR. SP. Disponível em: <www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas>. Acesso em: 12 fev. 2012.

atividades paralelas

festival palco giratório brasil

30 dias de programação com todos os espetáculos da edição nacional do Palco Giratório, além de participação de espetáculos locais.
São nove festivais que acontecem nas seguintes cidades: Fortaleza, Recife, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis, São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Velho e Curitiba.

oficinas

Ação formativa a partir de técnicas e processos criativos, aberta ao público interessado. Em 2012, serão realizadas 1.373 horas/aula.

aldeia

Mostra local de artes cênicas e cultura, visitada pelos espetáculos em circulação nacional no Palco Giratório (total de 54 aldeias).

pensamento giratório

espaço para reflexão e discussão aberto ao público com participação de um grupo do Palco Giratório e de um convidado especial (total de 38 pensamentos).

intercâmbio

Encontro entre um grupo do Palco Giratório e um grupo local para troca de ideias, experiências, técnicas, metodologias, processos criativos e muito mais (total de 23 intercâmbios).
É fundamental que os integrantes de cada grupo assistam aos espetáculos uns dos outros.

grupos e espetáculos que passaram pelo palco

1998 a 2011

1998

Antimatéria
Ana Vitória Dança Contemporânea (RJ)

Out-cry
Armazém Companhia de Teatro (RJ)

O auto da barca do inferno
Grupo Imbuaça (SE)

O médico camponês
Companhia de Teatro Medieval (RJ)

Roda saia gira vida
Teatro Anônimo (RJ)

A confissão de Leontina
Olair Coan (SP)

1999

Mundéu: O segredo do mundo
Usina do trabalho do ator (RS)

As kamikases
Companhia de atores (PR)

A hora da estrela
Cia. do Acaso (MG)

A serpente
Cia. do Pequeno Gesto (RJ)

Domésticas
Renata Melo (SP)

A bota e sua meia
Cia. Faces e Carretos (RS)

A sua melhor companhia
Companhia do Público (RJ)

2000

Cortejo brincante Abayomi
Cooperativa Abayomi (RJ)

Um credor da fazenda nacional
Cia. São Jorge de Variedades (SP)

Pois é, vizinha
Débora Finocciaro (RS)

Pequenos trabalhos para velhos palhaços
Engenho Produções Artísticas (RJ)

O auto do estudante que se vendeu ao diabo
Grupo Grial de Dança (PE)

Um quarto de crime e castigo
Mameluco Produções Artísticas (RJ)

2001

Insônia
4 Produções teatrais (BA)

Por água abaixo
Ângela Dipp & Vivien Buckup (SP)

Avesso das águas
Beatriz Sayad & Danielle Barros (RJ)

Clarices
Núcleo Solidário de Produções Artísticas (BA)

O duelo
Artistas independentes (PE)

O auto do boi cascudo
Grupo Boi Cascudo (RJ)

A comédia do trabalho
Cia. do Latão (SP)

2001

As velhas
Grupo de Teatro Contratempo (PB)

A saga de Jorge
Grande Companhia Brasileira de Mystérios e Novidades (RJ)

Aquilo de que somos feitos
Lia Rodrigues Companhia de Dança (RJ)

O mistério das nove luas
Grupo Vento Forte (SP)

Chegança
Companhia de Dança Paula Nestorov (RJ)

O cano
Circo Teatro Udi Grudi (DF)

2002

Bispo
João Miguel (BA)

Bugiaria
A Péssima Companhia (RJ)

Livres e iguais
Grupo de Teatro do Por Que Não?! (RJ)

Construções
Patrícia Niedermeier e Oscar Saraiva (RJ)

Cuando tu no estás
Grupo Sete Luz (SP)

A terceira margem do rio
Guido Campos (GO)

Rosa + Lispector: solos
Studio Stanislavski (RJ)

2002

Matulão
Trupe do Passo (RJ)

Stella do Patrocínio
Clarisse Baptista (AC)

A saga de Canudos
Tribo de atuadores Oi Nóis Aqui Traveiz (RS)

2003

Encaixotando Shakespeare, Nepal, Frederica, Apartamento 501
Teatro Fúria (MT)

Lusco-fusco
Cia. Absurda & Cia. Acômica (MG)

Tempestades de paixão
Grupo Theatrum do Tambo (RS)

A escrita de Borges/ Mithologias do clã, www. Prometeu/ La loba: a fábula da perversidade
Grupo Falus & Stercus (RS)

A divina comédia de Dante a Moacir
Associação de Teatro Radicais Livres (CE)

Para acabar de vez com o julgamento de Artaud
Grupo Cambaleei, mas não caí (RJ)

O lustre
Ateliê Voador Companhia de Teatro (RJ)

Os camaradas
Cia. Carona de Teatro (SC)

Foliões e folgazões
Mamulengo Só-Riso (PE)

O pregoeiro
Grupo Mundo ao contrário (RJ)

Kassandra in process, aos que virão depois de nós/ A saga de Canudos
Tribo de atuadores Oi Nóis Aqui Traveiz (RS)

Nós viemos aqui pra quê?
Fuzarca da Lira (RJ)

Sonoridades
Esther Weitzman Companhia de Dança (RJ)

A la carte
La Mínima (SP)

2004

O terceiro dia
Engenho de Teatro (PE)

O velho da horta
Cia. Pequod (RJ)

Volta ao dia em 80 minutos
Cia. Brasileira de Teatro (PR)

Como nasce um cabra da peste
Agitada Gang (PB)

Fulano e cicrano, o macaco e a boneca de piche/Victor James
Centro Teatral ETC e Tal (RJ)

Presépio de hilaridades humanas
Maíra Oliveira (DF)

Qual é a música?
Paula Águas (RJ)

Umbi-Guidades
Iami Rebouças (BA)

Combinado e dilacerado
Os Dezequilibrados (RJ)

Imagens da quimera
Grupo Teatral Moitará (RJ)

Medeia/Navalha na carne/ O homem com flor na boca
Teatro Pequeno Gesto (RJ)

Nave louca
Grande Companhia Brasileira de Mystérios e Novidades (RJ/SP)

Uruboros
Núcleo de Dança Contemporânea (DF)

A dança dos orixás
Companhia Vatá Bagaceira (CE)

Diz que tinha e Mininim
Cecília Borges (SP)

Na solidão dos campos de algodão
Malaguetas Produções Artísticas (RJ)

Carga viva/ Buzkashi/Adelaide Fontana
Erro Grupo de Teatro (SC)

Uma coisa que não tem nome e que se perdeu
Cia. de Teatro Autônomo (RJ)

2005

Acordei que sonhava
Núcleo Bartolomeu de Depoimentos (SP)

Cirandas
Adriana e Fernando Guimarães (DF)

Carta de Rodez
Amok Teatro (RJ)

Lampião e Maria Bonita
Da Rin Produções (BA)

Pássaro Junino/ Garça Dourada
In Bust Teatro de Bonecos (PA)

Rosa negra, uma saga sertaneja
Companhia dos Sonhos (DF)

Maria Madalena ou a salvação
Cia. Limiar de Teatro (SP)

Três marujos perdidos no mar
Irmãos Brothers (RJ)

Espiral brinquedo meu
Terreiro Produções (PE)

O muro/Restim
Grupo Pedras (RJ)

Auto da barca do inferno
Grupo Fora do Sério (SP)

Cenas cotidianas@circ.pic
Companhia Picolino (BA)

Falam as partes do todo?
Cia. de Dança Dani Lima (RJ)

Comoção/ Eu sou mais Nelson/ Potlatch
Grupo Alice 118 (RJ)

Escorial
Núcleo de Teatro Criaturas Cênicas (BA)

2006

O negrinho do pastoreio/ Deus e o Diabo na terra da miséria
Grupo Oigalê (RS)

Quem tem, tem medo!
Grupo Remo (PE)

Homem de Barros
Grupo Produção do Ator (RJ)

2006

Dois de paus, dois perdidos
Arthur Tadeu Curado e Sérgio Sartório (DF)

Édipo unplugged/ Tudo no timing/ A fonte dos santos
Grupo F. Privilegiados (RJ)

Babau ou a vida desembestada do homem que tentou engabelar a morte/ A cartola encantada
Grupo Mão Molenga (PE)

José Ulisses da Silva/ Sagração da vida toda
Cia. Villadança (BA)

Samba no Carnaval
Grupo Artistas Independentes (PE)

Voar: puro brasileiro
Cia. Teatral Martim Cererê (GO)

Olympia
Grupo de Teatro Andante (MG)

Grito verde
Companhia de Teatro Amazona (AM)

Muito barulho por quase nada/ Roda Chico
Grupo de Teatro Clowns de Shakespeare (RN)

2007

Aperitivos
Grupo Pausa Companhia (PR)

Sacy pererê, a lenda da meia noite
Cia. Teatro Lumbra de Animação (RS)

O realejo
Grupo Bagaceira de Teatro (CE)

Olhos de touro
Cia. Márcia Duarte (DF)

O incrível ladrão de calcinhas
Trip Teatro Animação (SC)

Capitu, memória editada
Grupo Delírio Cia. de Teatro (SC)

Antônio Maria/ A noite é uma criança
Núcleo Informal de Teatro (RJ)

O patinho feio
Grupo Gats (SC)

Viagem ao centro da terra
Cia. de Teatro Artesanal (RJ)

2007

Gota d´água: breviário
Cia. Breviário (SP)

Aquelas duas
Grupo Depósito de Teatro (RS)

Histórias de Teatro e Circo
Grupo Carroça de Mamulengos (CE)

2008

A gaivota (alguns rascunhos)
Piollin Grupo de Teatro (PB)

As quatro chaves
Teatro Ventoforte (SP)

Amor e loucura
A Roda Teatro de Bonecos (BA)

Besouro cordão de ouro
João das Neves (RJ)

Saudade em terras d´água
Companhia Dos à Deux (RJ)

Casa de ferro
Estado Dramático (BA)

Das saborosas aventuras de Dom Quixote e seu escudeiro Sancho Pança: um capítulo que poderia ter sido
Teatro que Roda (GO)

O sapato do meu tio
João Lima (BA)

Caatinga: miniteatro ecológico
Giramundo (MG)

Encarnado
Lia Rodrigues Companhia de Dança (RJ)

Isadora/ORB /A metáfora final
Companhia Arquitetura do Movimento (RJ)

O porco
Arquipélago (SP)

O reencontro de palhaços na rua é a alegria do Sol com a Lua
Companhia Teatral Turma Biribinha (AL)

2008

Adubo ou a sutil arte de escoar pelo ralo
Confraria Teatral Adubo (TUCAN/DF)

Circo Minimal
Companhia Gente Falante (BA)

Circo Teatro Artetude
Movimento Rua do Circo (DF)

Larvárias
Companhia do Giro (RS)

O pupilo quer ser tutor
Companhia Teatro Sim... Por que Não?!!! (SC)

2009

Acqua Toffana
Zeppelin Cia. (RJ)

Sapecado
Banda Mirim(SP)

De malas prontas
Cia. Pé de Vento Teatro (SC)

Cultura bovina?
Ginga Companhia de Dança (MS)

100 Shakespeare
Grupo Pia Fraus (SP)

Hysteria
Grupo XIX de Teatro (SP)

O hipnotizador de jacaré
Circo Teatro Girassol (RS)

Diário de um louco
Grupo de Teatro Lavoura (PB)

O nome científico da formiga
Ângelo Madureira e Ana Catarina Vieira (SP)

Rito de passagem
Índios.com Cia. de Dança (AM)

Rasif, mar que arrebenta
Coletivo Angu de Teatro (PE)

O santo guerreiro e o herói desajustado
Cia. São Jorge de Variedades (SP)

Filme noir
Cia. PeQuod Teatro de Animação (RJ)

2009

A noite dos palhaços mudos
Grupo La Mínima (SP)

Mangiare
Grupo Pedras (RJ)

Silêncio total – vem chegando o palhaço
Palhaço Xuxu (PB)

2010

A obscena senhora D.
Circo do Silêncio (SP)

Mi munhequita
Ponte Cultural (SC)

Agreste
Cia. Razões Inversas (SP)

Aqueles dois
Cia. Luna Lunera (MG)

Conceição
Grupo Experimental (PE)

Dolores
Mimulus Cia. de Dança (MG)

Ele precisa começar
Cia. Folguetes Maravilha (RJ)

Encantrago
Grupo Expressões Humanas e Teatro Vitrine (CE)

Filhas da mata
O Imaginário (RO)

Ideias de teto
Sua Cia. de Dança (BA)

Malentendido
Galharufa Produções (RJ)

O amargo santo da purificação
Tribo de Atuadores Ói Nóis Traveiz (RS)

Os meninos verdes de Cora Coralina
Voar Teatro de Bonecos (DF)

Para Luis Melo
Marcos Damaceno Cia. De Teatro (PR)

Tropeço
Cia. Tato Criação Cênica (PR)

Zero
Cia. de Teatro Mevitevendo (SP)

2011

O dragão
Amok Teatro (RJ)

No pirex
Armatrux (MG)

A tecelã
Caixa de Elefante Teatro de Bonecos (RS)

De-vir
Cia. Dita (CE)

Concerto de Ispinho e Fulô
Cia. do Tijolo (SP)

Frankenstein
Cia. Polichinelo (SP)

Leve
Coletivo Lugar Comum (PE)

Cabanagem
Corpo de Dança do Amazonas (AM)

O evangelho segundo São Mateus
Grupo Delírio (PA)

O mundo tá virado
Grupo Imbuaça (SE)

Dentrofora
In.co.mo.de.te (RS)

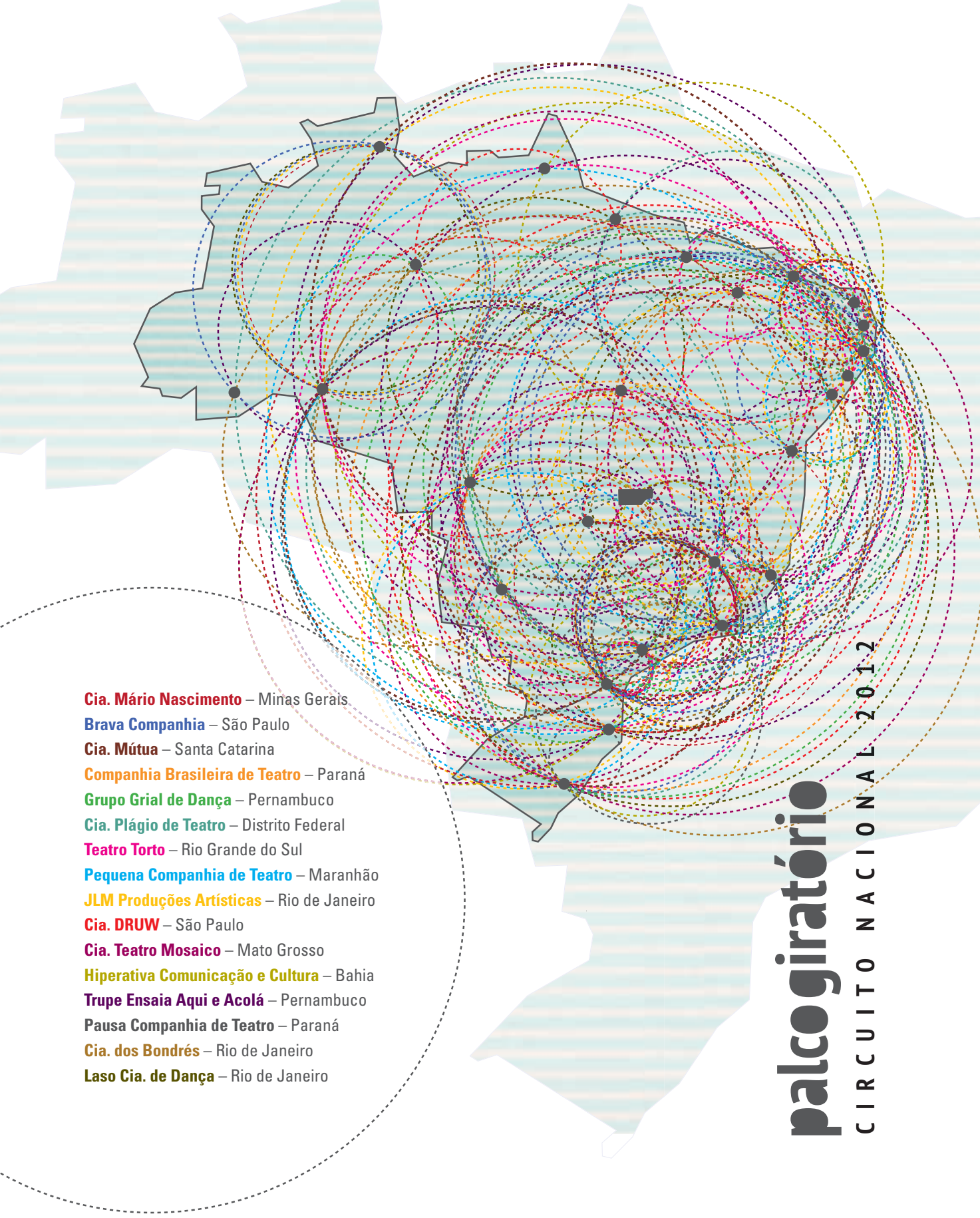
O fio mágico
Mão Molenga Teatro de Bonecos (PE)

Quiprocó
Grupo Teatral Moitará (RJ)

É nóis na xita
Grpo Namakaca (SP)

A galinha degolada
Persona Cia. De Teatro & Teatro em Trâmite

Rebu
Teatro Independente (RJ)



Cia. Mário Nascimento – Minas Gerais
Brava Companhia – São Paulo
Cia. Mútua – Santa Catarina
Companhia Brasileira de Teatro – Paraná
Grupo Grial de Dança – Pernambuco
Cia. Plágio de Teatro – Distrito Federal
Teatro Torto – Rio Grande do Sul
Pequena Companhia de Teatro – Maranhão
JLM Produções Artísticas – Rio de Janeiro
Cia. DRUW – São Paulo
Cia. Teatro Mosaico – Mato Grosso
Hiperativa Comunicação e Cultura – Bahia
Trupe Ensaia Aqui e Acolá – Pernambuco
Pausa Companhia de Teatro – Paraná
Cia. dos Bondrés – Rio de Janeiro
Laso Cia. de Dança – Rio de Janeiro

palcogiratório

CIRCUITO NACIONAL 2012